



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN
FACULDADE DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS - FANAT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS NATURAIS - PPGCN
MESTRADO EM CIÊNCIAS NATURAIS

MANOEL VICTOR DANTAS DE SOUZA

**COMUNIDADE INDÍGENA POTIGUAR E SUA RELAÇÃO ENTRE CONHECIMENTO
ETNOBOTÂNICO E CONSERVAÇÃO DA VEGETAÇÃO LOCAL**

2025
Mossoró/RN
Brasil

MANOEL VICTOR DANTAS DE SOUZA

**COMUNIDADE INDÍGENA POTIGUAR E SUA RELAÇÃO ENTRE CONHECIMENTO
ETNOBOTÂNICO E CONSERVAÇÃO DA VEGETAÇÃO LOCAL**

Defesa do trabalho de dissertação apresentado ao Programa de PósGraduação em Ciências Naturais (PPGCN), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Naturais. Área de concentração: Recursos Naturais.

Linha de pesquisa: Diagnóstico Ambiental
Orientador: Ramiro Gustavo Valera Camacho

2025
Mossoró/RN
Brasil

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

D192c Dantas de Souza, Manoel Victor
COMUNIDADE INDÍGENA POTIGUAR E SUA
RELAÇÃO ENTRE CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO E
CONSERVAÇÃO DA VEGETAÇÃO LOCAL. / Manoel
Victor Dantas de Souza. - Mossoró, 2025.
61p.

Orientador(a): Prof. Dr. Ramiro Gustavo Valera
Camacho.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Ciências Naturais). Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte.

1. Programa de Pós-Graduação em Ciências Naturais.
2. Recursos Naturais. 3. Etnobotânica. 4. Comunidades
Indígenas. I. Valera Camacho, Ramiro Gustavo. II.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

MANOEL VICTOR DANTAS DE SOUZA

**COMUNIDADE INDÍGENA POTIGUAR E SUA RELAÇÃO ENTRE CONHECIMENTO
ETNOBOTÂNICO E CONSERVAÇÃO DA VEGETAÇÃO LOCAL**

Defesa do trabalho de dissertação apresentado ao Programa de PósGraduação em Ciências Naturais (PPGCN), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Naturais. Área de concentração: Recursos Naturais.

Defendido em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ramiro Gustavo Valera Camacho (UERN)
Presidente (Orientador)

Prof^a. Dr^a. Edna Maria Ferreira Chaves (IFPI)
Membro Examinador

Prof^a. Dr^a. Cynthia Cavalcanti de Albuquerque (UERN)
Membro Examinador

Dedico minha conquista aos meus pais que são tudo para mim, aos meus colegas Mateus Lucena, Lucas Marinheiro e Matheus Almeida pois sem apoio deles, esse trabalho não seria possível, e ao meu orientador Ramiro, que não apenas me ensinou de forma acadêmica, como foi um exemplo de como ser um grande ser humano.

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 1 - ETNOBOTÂNICA NO COTIDIANO DA COMUNIDADE INDÍGENA KATU DOS ELEOTÉRIOS NO AGRESTE POTIGUAR

Figura 1 - Localização da APA Piquiri- Una.....	22
Figura 2 - Zoneamento da APA Piquiri-Uma	23
Figura 3 – Zona de Uso Tradicional do Katu.....	24

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO 1 - ETNOBOTÂNICA NO COTIDIANO DA COMUNIDADE INDÍGENA KATU DOS ELEOTÉRIOS NO AGRESTE POTIGUAR

Tabela 1 – Plantas utilizadas no cotidiano pelos entrevistados na comunidade Katu do Eleotérios – Canguaretama e Goianinha/RN 28

Tabela 2 - Nível de Fidelidade de Friedman das espécies citadas mais de uma vez e com mais de um uso na comunidade Katu do Eleotérios – Canguaretama e Goianinha/RN 42

Tabela 3 - Espécies de uso arbóreo etnobotânico encontradas na trilha da Zona de Uso Sustentável do Katu e coletadas para uso etnobotânico pela comunidade Katu dos Eleotérios 44

LISTA DE ABREVIACOES

APA	Área de Proteção Ambiental
APAPU	Área de Proteção Ambiental Piquiri-Una
APG	<i>Angiosperm Phylogeny Group</i>
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
FL	Nível de Fidelidade
FRC	Frequência Relativa de Citação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Biodiversidade
IDEMA	Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte
MMA	Ministério do Meio Ambiente
NA	Nativa
NUC	Núcleo de Unidades de Conservação
PANC	Planta alimentícia não convencional
PIB	Povos Indígenas no Brasil
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
SISGen	Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
UC	Unidade de Conservação
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO GERAL	9
2. OBJETIVOS	12
2.1 Geral	12
2.2 Específicos	12
3. UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM COMUNIDADES TRADICIONAIS INDÍGENAS	13
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	16
5. CAPÍTULO I: ETNOBOTÂNICA NO COTIDIANO DA COMUNIDADE INDÍGENA KATU DOS ELEOTÉRIOS NO AGRESTE POTIGUAR	20
5.1 Resumo	20
5.2 Abstract	20
5.3 Introdução	21
5.4 Metodologia	22
5.5 Resultados e Discussões	26
5.6 Considerações Finais	46
5.7 Referências Bibliográficas	46
5.8 Anexos	53

RESUMO

As comunidades tradicionais são espaços amplamente estudados no âmbito das ciências sociais e naturais pois, essas comunidades, além de apresentarem grande riqueza cultural, demonstram contato diferente com os recursos naturais em comparação com os cidadãos das grandes metrópoles. O Rio Grande do Norte é um estado que se caracteriza por possuir dois biomas de grande importância e estudados atualmente que são a Caatinga e a Mata Atlântica e, além disso, uma grande sociodiversidade incluindo comunidades indígenas e quilombolas. Nele foram criadas 11 unidades de conservação estaduais com o objetivo de conservar a biodiversidade tanto em áreas de mata atlântica, caatinga e área marinha. Tendo isso em vista, objetivou-se realizar levantamento florístico e etnobotânico da região da Área de Proteção Piquiri-Una-APAPU, onde se localiza a comunidade indígena do Katu dos eleotérios, cujos objetivos secundários são de diagnosticar a composição florística e conhecer o uso das plantas por essa comunidade, contribuir para caracterização do conhecimento tradicional contido nas comunidades indígenas do Rio Grande do Norte, compreender como as expressões culturais e religiosas da população se conectam com a vegetação local e finalmente caracterizar uma área de desenvolvimento sustentável que se encontra em estado de transição entre os dois biomas contidos no estado. A primeira parte do trabalho aconteceu por meio de entrevistas semiestruturadas com a comunidade em que foram abordadas 42 famílias no processo sobre as plantas utilizadas de forma medicinal, alimentícia, cultural e na construção civil. Foi coletado as plantas para o processo de identificação e tombamento no Herbário do Parque das Dunas. Foram tabeladas 37 famílias botânicas com 76 espécies medicinais. Ademais também foram destacadas 10 espécies de arbóreas nativas que possuíam algum uso etnobotânico e eram retiradas da Zona de Uso Sustentável do Katu.

Palavras-chave: Recursos Naturais, Etnobotânica, Sistemática Vegetal, Unidade de Conservação, Comunidades Indígenas.

ABSTRACT

Traditional communities are widely studied within the fields of social and natural sciences due to their rich cultural heritage and distinctive relationship with natural resources, which contrasts with that of urban populations. The state of Rio Grande do Norte, Brazil, is characterized by the presence of two important and currently studied biomes: the Caatinga and the Atlantic Forest. It also harbors significant sociocultural diversity, including Indigenous and Quilombola communities. In this state, eleven state conservation units have been established to preserve biodiversity in Atlantic Forest, Caatinga, and marine areas. In this context, the present study aims to carry out a floristic and ethnobotanical survey of the Piquiri-Uma Protected Area (APAPU), where the Katu Indigenous community is located. The secondary objectives include diagnosing the floristic composition, documenting the community's use of plants, contributing to the characterization of traditional knowledge within Indigenous communities of Rio Grande do Norte, understanding the relationship between cultural and religious expressions and the local vegetation, and characterizing a sustainable development area in a transitional zone between the state's two main biomes. The first phase of the research involved semi-structured interviews with 42 families from the community, focusing on the medicinal, nutritional, cultural, and construction-related uses of plants. Plant specimens were collected for identification and deposition at the Herbarium of Parque das Dunas. A total of 37 botanical families were recorded, comprising 76 medicinal species. Furthermore, 10 native tree species with ethnobotanical uses, collected from the Katu Sustainable Use Zone, were also highlighted.

Keywords: Natural resources, Ethnobotany, Plant Systematics, Conservation Unit, Native Communit

1. INTRODUÇÃO GERAL

Desde o início do desenvolvimento das comunidades humanas, os indivíduos adquiriram o hábito de se utilizar da vegetação ao seu redor para possibilitar sua sobrevivência, se aproveitando do que havia em suas proximidades para melhor se adaptar às intempéries do meio (Sganzerla et al., 2022). O Brasil é caracterizado por ser um país de alta etnodiversidade, e nele o hábito da utilização das plantas pela população ao longo do tempo foi se agregando aos costumes de diversos povos, dentre eles os originários, os africanos e os de colonizadores europeus (Giulietti et al., 2005; Silva, 2022).

O Nordeste brasileiro é uma região extensa que compreende nove estados (IBGE, 2021). Por ser uma região em que há marcada por longos períodos de estiagem e seca, os olhares da ciência brasileira estão se voltando para ele somente nas últimas décadas na produção cada vez maior de trabalhos no campo das ciências naturais, com o objetivo de conscientização da necessidade de preservar a biodiversidade dessa região, visto que no passado essa região, por possuir esses aspectos, era subestimada e desvalorizada cientificamente (Coe et al., 2015).

A agroecologia surge como uma sub-área da agronomia que une as ideias de agronomia e ecologia que busca solucionar desafios decorrentes da atividade agrícola (Terán-Samaniego et al., 2025). Ela tem como objetivo buscar alternativas sustentáveis para a degradação causada pelos sistemas agrícolas procurando juntar à discussão aspectos ecológicos, sociais e culturais. Esse conjunto de práticas busca o equilíbrio entre plantas, solos, nutrientes, luz solar, umidade e outros organismos preexistentes (Caporal, Paulus e Costabeber, 2009).

Os agrossistemas tradicionais se constituem por meio de um conjunto de práticas desenvolvidas ao longo do tempo por agricultores em comunidades tradicionais fruto das suas interações com o meio ambiente sem a interferência de insumos externos. Usufruindo da autoconfiança criativa, do conhecimento empírico e dos recursos locais disponíveis, os agricultores de comunidades tradicionais se utilizam de práticas agrícolas com produção sustentável (Altieri, 1998).

As etnociências constituem um importante polo de conhecimento capaz de trazer a conscientização sobre a preservação da natureza junto ao contato com as comunidades tradicionais. Elas buscam evidenciar saberes tradicionais vinculados ao ambiente e a cultura

local além de sistematizar os conhecimentos do importante legado dessas populações fortalecendo a luta em defesa das comunidades tradicionais (Pina *et al.* 2023; Silva, 2021).

Dentro da área das etnociências destaca-se a etnobotânica, uma subárea que visa resgatar o conhecimento sobre a vegetação local, guardado pelo ser humano, com enfoque em comunidades tradicionais, a exemplo das viventes em áreas de desenvolvimento sustentável em zonas rurais, como as comunidades Casa de Farinha e Sabiaguaba, no Ceará, e as comunidades Capoeiras, Macambira e São Cristóvão, no Rio Grande do Norte (Sales, 2021; Palmares, 2022). Esses conhecimentos podem estar relacionados ao uso madeireiro, medicinal, alimentício ou qualquer outro uso praticado por esses povos para facilitar o seu cotidiano e possibilitar sua sobrevivência (Marisco *et al.*, 2016).

A etnobotânica vem tomando notoriedade no nordeste devido à grande quantidade de povos tradicionais presentes na região, dentre eles indígenas, quilombolas, vilas de pescadores, agrovilas e entre outros. Especificamente no bioma Caatinga, em que a conhecida história do “Homem Sertanejo” que constantemente procura se adaptar às intempéries do ambiente faz desses locais um grande depósito de saber popular (Alencar, 2012).

Os estudos etnobotânicos nessa região estão bastante focados no resgate do uso das plantas medicinais como pode ser exemplificado nos trabalhos de Nunes *et al.* (2021) e Sganzerla *et al.* (2022), e também no uso de Plantas Alimentícias não Convencionais - PANC's, como é visto nos trabalhos de Tavares *et al.* (2022) e Santos *et al.* (2022a) e Kinupp e Lorenzi (2014). Ademais, uma tendência que vem surgindo nesse campo no Brasil como um todo é o foco na sustentabilidade em consonância com a utilização dessas plantas, como é o caso dos trabalhos de Silva *et al.* (2021) e Cavalcante e Scudeller (2022), em que é investigado a inter-relação entre essa ciência e a preservação da natureza, contudo essa perspectiva ainda é pouco explorada na nossa região.

Uma linha de pesquisa bastante explorada na região nordeste e que está ligada à etnobotânica é a sistemática vegetal. Os trabalhos desta área estão diretamente relacionados com o subsídio da conservação de espécies em fragmentos remanescentes de áreas de vegetação em biomas degradados (Chaves *et al.*, 2013). São exemplos desses estudos feitos no Nordeste os trabalhos de Santos *et al.* (2022) e Vitória *et al.* (2023). Esses trabalhos fazem um diagnóstico florístico de um fragmento de Caatinga e da Mata Atlântica respectivamente com o objetivo de estabelecer uma relação conservacionista para com a natureza que, quando foram realizados,

compreendeu-se as dinâmicas desses espaços, suas variadas estruturas e o desenvolvimento florístico (Chaves et al., 2013).

Dentre os estados da região nordeste onde são feitos estudos etnobotânicos e florísticos, está presente o Rio Grande do Norte, estado de área territorial estimada de 52.809,599 km² e população de 3.560.903 pessoas (IBGE, 2021). Esse estado se caracteriza por possuir dois biomas de grande importância e bastante estudados atualmente que são a Caatinga e a Mata Atlântica.

A Caatinga é um bioma presente em 10,1% do território nacional e engloba 10 estados (MMA, 2022). Ela é caracterizada por possuir duas estações bem definidas, uma seca e uma chuvosa, e nela estão presentes os tipos de vegetação Hipoxerófila, Hiperxerófila e subdesértica (Oliveira et al., 2013; IDEMA, 2020). Esse bioma está fortemente ameaçado pela ação antrópica industrial e agrícola, em que 62% das áreas suscetíveis à desertificação no Brasil eram originalmente áreas de Caatinga (MMA, 2022).

Por sua vez, a Mata Atlântica ocupa 17 estados brasileiros, abrangendo grande parte do litoral do país e é formada por diversas formações florestais tais como Floresta Estacional Semidecidual e Floresta Estacional Decidual (MMA, 2022). Contudo, é visto que essa área desde a época da colonização vem sendo fortemente degradada, se tornando o bioma mais degradado no país, restando apenas 24% de sua vegetação original conservada, o que reflete também na quantidade de espécies nativas ameaçadas de extinção (Pinto et al., 2023).

Tendo isso em vista, esse trabalho se respaldou na justificativa que essa comunidade guarda um importante legado dos povos indígenas em específico se falando na inter relação do ser humano com a vegetação e também no argumento que a Caatinga e a Mata Atlântica são biomas unicamente brasileiros e com taxas de degradação elevadas.

3. UNIDADES DE CONSERVAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM COMUNIDADES TRADICIONAIS INDÍGENAS

3.1 Comunidades Tradicionais Indígenas

Ao longo das últimas décadas houve articulações de movimentos sociais de defesa do meio ambiente abrangentes à sociodiversidade brasileira, buscando a democratização dos espaços e dos recursos naturais pertencentes a ele (Rabelo, 2010). Esses movimentos buscam estabelecer a equidade na utilização sustentável dos ambientes naturais, respeitando também as comunidades tradicionais e baseando-se nos preceitos estabelecidos pelos objetivos 3º, 10º e 16º dos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODSs) 2030 além de contemplar a conservação desses recursos (Liporacci, 2013; ONU, 2015).

As comunidades tradicionais englobadas por essas lutas, são espaços bastante estudados no âmbito das ciências sociais e naturais, pois tais comunidades, além de apresentarem uma grande riqueza cultural, demonstram um contato diferente com os recursos naturais em comparação com os cidadãos das grandes metrópoles (Fernandes e Moser, 2021). Elas podem ser caracterizadas, segundo Wagley (1957), como espaços em que a política, religião, economia e natureza estão interligadas e formam um sistema geral de cultura.

É visto que essas comunidades, embora atraiam o foco da ciência cada vez mais, sofrem com a pressão de empresas e latifundiários que buscam os recursos presentes em seu interior, e também com a discriminação frente às políticas ambientais (Lorena et al., 2022). Dessa problemática é que advém o conceito de “racismo ambiental”, que segundo Chavis (1993), é o preconceito gerado nas políticas ambientais de utilização dos recursos naturais, onde são escolhidos grupos étnicos considerados fragilizados ou minoritários para a exploração e degradação dos recursos, visto que se constrói a ideia errônea que essas comunidades possuem pouco a oferecer em questão de conhecimento e riqueza.

Os povos indígenas são comunidades tradicionais que possuem inquestionável riqueza cultural e que mais sofrem com a invasão e espoliação capitalista de suas terras (Nunes et al, 2021). Esses povos detêm um vasto conhecimento hereditário sobre a vegetação nativa brasileira devido a serem originários da região (Moutinho e Rocha, 2020). Dentre os povos indígenas brasileiros mais conhecidos estão os Ticuna do Amazonas, os Yanomami presentes na Amazônia e Roraima, os Guajajara do Maranhão, entre outros (Soares, 2021).

O Nordeste é uma região que também possui povoados indígenas, como é o exemplo dos Pitaguari e Tapeba do Ceará e Pankararu de Pernambuco (FUNAI, 2024). Contudo, um dos

estados que até um tempo atrás não estava em evidência se tratando do reconhecimento de povos indígenas é o estado do Rio Grande do Norte, que além de possuir uma vegetação muito diversa e rica, também possui uma grande riqueza cultural indígena, contudo a variedade de povos dessas etnias no estado foi tardiamente registrada oficialmente na Fundação Nacional do Índio - FUNAI, sendo estes: Sagi-Trabanda; Eleotérios do Katu; Mendonças do Amarelão; Tapará; Caboclos do Açú e Banguê no Piató (FIOCRUZ, 2023). Devido ao fato dessas comunidades estarem sofrendo tardio registro, sofreram e ainda sofrem com preconceito e exploração de suas terras como ocorre no território dos Potiguara Katu.

Esse povoado indígena, segundo o atual cacique Luiz Katu, se originou do antigo aldeamento de Igramació datado do século XVIII. Na atualidade, vivem 142 famílias na região, nas quais 726 pessoas são autodeclaradas indígenas e possuem como principal atividade a agricultura de diversas espécies como milho, macaxeira e batata doce. Ademais, essa comunidade também sobrevive da caça e da pesca e da plantação de frutos nativos, contudo essas práticas são prejudicadas devido ao desmatamento ocasionado pelo agronegócio (CCHLA, 2020).

A comunidade Potiguara Katu está inserida na Área de Proteção Ambiental Piquiri-Una (APAPU) unidade de conservação que abrange cinco municípios do estado do Rio Grande do Norte e os biomas Caatinga e Mata Atlântica (IDEMA/SECOM, 2022). Contudo essa área mesmo de proteção ambiental, é visada como foi dito anteriormente pelos empresários do agronegócio em específico pela indústria canavieira e pelas empresas madeireiras, além de abrigarem lixões das cidades adjacentes (IDEMA, 2013; Medeiros Neto *et al.*, 2021).

3.2 Unidades de Conservação

A crescente ação antrópica agrícola e industrial no estado do Rio Grande do Norte, fez com que, ao longo dos anos, esse estado se tornasse o maior em percentual de áreas degradadas do Nordeste, e por esse fator, foram criadas as unidades de conservação no estado, que são por definição, segundo a lei que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC (2000) “Espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção”.

No Rio Grande do Norte foram criadas 11 UC's estaduais segundo o IDEMA (2024) em áreas de mata atlântica, áreas de caatinga e em áreas marinhas. Em muitas dessas unidades

residem povos tradicionais que, por meio de suas práticas de vigilância e respeito à natureza conservam esses espaços. Mesmo que apenas 1% da área de Caatinga para conservação esteja amparada, as unidades de conservação potiguares carregam o grande legado da biodiversidade, conservando ao mesmo passo que promovem o desenvolvimento social sustentável de pequenas comunidades (Teixeira, 2016; Oliveira *et al.*, 2019). Contudo, essas comunidades são frequentemente abordadas por empresas que objetivam explorar recursos naturais existentes nessas áreas protegidas, como pode ser visto em Machado *et al.* (2020) e Sansão (2017).

3.3 Unidades de conservação e comunidades indígenas

As comunidades indígenas devido ao seu contato mais próximo e sustentável com o meio natural, estão muitas vezes inseridas dentro de unidades de conservação e vivem em harmonia com seus recursos naturais, como é o exemplo do povo Yanomami localizado na terra indígena que se sobrepõe ao Parque Nacional Pico da Neblina, o povo Kayapó que se localiza no Parque Nacional do Xingu e na Estação Ecológica Terra do Meio e o povo Pataxó que vive em áreas incluídas no Parque Nacional do Descobrimento e na Reserva Biológica de Una (FUNAI, 2024)

Nessas comunidades, é bastante difundido o turismo ecológico e agricultura familiar como alternativas de obtenção de renda e subsistências nesses locais, contudo respeitando a condição de conservação dessas reservas naturais como é o caso das comunidades Tatuyo e Cipiá localizadas na RDS Puranga Conquista localizada no estado do Amazonas (Dias e Cruz, 2024). Além dessas atividades, algumas comunidades inseridas em UCs praticam atividade pesqueira e de caça da fauna local como é o caso da Aldeira Jubará localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã no Amazonas (Zannato e Rosa, 2023)

Tendo em vista o que foi explanado, esse trabalho buscou fazer um levantamento etnobotânico da comunidade indígena dos Katu e de sua área de desenvolvimento sustentável anexada à Área de Proteção Ambiental Piquiri-Una, estabelecendo uma ligação entre o uso da vegetação local pela população e a conservação das plantas nessa área e também estabelecer seu perfil agroecológico de acordo com as práticas adotadas na comunidade.

2. OBJETIVOS

2.1. Geral:

- Investigar a relação do uso etnobotânico na comunidade do Katu com a conservação da vegetação na área da unidade utilizada pela comunidade.

2.2. Específicos:

- Diagnosticar a composição florística e conhecer o uso das plantas por essa comunidade.
- Contribuir para caracterização do conhecimento tradicional contido nas comunidades indígenas do Rio Grande do Norte.
- Compreender como as expressões culturais e religiosas da população se conectam com a vegetação local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alencar, N. L. **Farmacopéias tradicionais: o papel das plantas medicinais na sua constituição, formação e manutenção em comunidades da Caatinga**. 2012. 129 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Botânica) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.
- Altieri, M. **Agroecologia: A Dinâmica Produtiva da Agricultura Sustentável**. 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.
- Caporal, F. R., Paulus, G., Costabeber, J. A. **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. Brasília, DF, 2009.
- Cavalcante, F. S.; Scudeller, V. V. A etnobotânica e sua relação com a sustentabilidade ambiental. *Revista Valore*, v. 7, 2022. doi: [10.22408/reva7020221065e-7050](https://doi.org/10.22408/reva7020221065e-7050)
- CCHLA. Potiguara do Katu. Povos Indígenas do RN. UFRN, Natal, 2020. Disponível em: <https://cchla.ufrn.br/povosindigenasdorn/p_Katu.html>. Acesso em: 01 de dez. De 2022.
- Coe, H. H. G. et al. Ecologia e biodiversidade vegetal do bioma Caatinga – Alguns exemplos no Rio Grande do Norte. **Organograma Institucional**, p. 3425, 2015.
- Chaves, A. D. C. G. et al. A importância dos levantamentos florístico e fitossociológico para a conservação e preservação das florestas. **Agropecuária Científica no Semiárido**, v. 9, n. 2, p. 43-48, 2013. doi: [10.30969/acsa.v9i2.449](https://doi.org/10.30969/acsa.v9i2.449)
- Chavis, B. Forward. In: Bullard, R. (org.). *Confronting Environmental Racism: voices from the grassroots*. Cambridge: South End Press, 1993.
- Fernandes, J. S. N.; Moser, L. Comunidades tradicionais: a formação socio-histórica na Amazônia e o (não) lugar das comunidades ribeirinhas. **Revista Katálysis**, [S.L.], v. 24, n. 3, p. 532-541, dez. 2021. FapUNIFESP (SciELO). doi: [10.1590/1982-0259.2021.e79717](https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021.e79717)
- Fiocruz, 2023. RN - Sem atendimento médico ou educação indígenas diferenciados, os Potiguara exigem demarcação e regularização fundiária de seu território. Disponível em: <<https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/rn-sem-atendimento-medico-ou-educacao-indigenas-diferenciados-os-potiguara-exigem-demarcacao-e-regularizacao-fundiaria-de-seu-territorio/>>. Acesso em: 30 junho de 2023.

Fundação Nacional dos Povos Indígenas – FUNAI. Governo Federal. Disponível: <https://www.gov.br/funai/pt-br>. Acesso em: 10 de Jun. de 2024.

Giulietti, A. M. et al. Biodiversidade e conservação das plantas no Brasil. 2005.

IBGE. Área Territorial Brasileira 2020. Rio de Janeiro: 2021

IDEMA-INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE. Anuário Estatístico. Natal, 2024.

IDEMA-INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE. Anuário Estatístico. Natal, 2022.

IDEMA - INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE. Plano de Manejo APAPU. Natal, 2013.

Liporacci, H. S. N.; Simão, D. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais nos quintais do Bairro Novo Horizonte, Ituiutaba, MG. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 15, p. 529-540, 2013. doi: [10.1590/S1516-05722013000400009](https://doi.org/10.1590/S1516-05722013000400009)

Lorena, A. G. et al. Environmental racism and health: the pandemic of covid-19 in Piauí, Brazil. **Saúde e Sociedade**, 2022.

Machado, R. B. et al. As várias faces das ameaças às áreas de conservação no Brasil. **Ciência e Cultura**, v. 72, n. 2, p. 58-64, 2020. doi: 10.21800/2317-66602020000200015

MMA - Ministério do Meio Ambiente. Mata Atlântica. Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/ecossistemas-1/biomas/mata-atlantica>>. Acesso em: 11 de julho de 2023.

Marisco, Gabriele; Rocha, Rebeca. Estudos Etnobotânicos em Comunidades Indígenas no Brasil. **Revista Fitos**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 155-162, dez. 2016. doi: 10.5935/2446-4775.20160012

Medeiros Neto, C. G. et al. Em Terras Potiguaras, Corpo e Cultura Indígena no Contexto Katu. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 24, n. 4, p. 87-114, 2021. doi: [10.35699/2447-6218.2021.37721](https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.37721)

Moutinho, Z. A. F.; Rocha, D. F. B. AS ABORDAGENS DA GEOGRAFIA SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 10 ANOS. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 46–58, 2020. doi: 10.22456/1982-0003.96834.

Nunes, G. M. et al.. Comparação de métodos quantitativos etnobotânicos no estudo de plantas medicinais no semiárido da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, [S.L.], v. 9, n. 21, p. 37-57, 2021. Revista Brasileira de Gestao Ambiental e Sustentabilidade. doi: 10.21438/rbgas(2022)092103

Oliveira, C. D. L. et al.. Distribution and Importance of Conservation Units in the Caatinga Domain. **Anuário do Instituto de Geociências - Ufrj**, [S.L.], v. 42, n. 1, p. 425-429, 13 maio 2019. Instituto de Geociencias - UFRJ. doi: 10.11137/2019_1_425_429

Oliveira, D. G. et al.. Herbáceas da Caatinga: composição florística, fitossociologia e estratégias de sobrevivência em uma comunidade vegetal. **Revista Brasileira de Ciências Agrárias - Brazilian Journal Of Agricultural Sciences**, [S.L.], v. 8, n. 4, p. 623-633, 28 dez. 2013. Revista Brasileira de Ciencias Agrarias. doi: 10.5039/agraria.v8i4a2682.

ONU. Transformando o Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Resolução da Assembleia Geral da ONU A/RES/70/1, 2015. Acesso em: 12 de maio de 2024.

Palmares, F. C. Levantamento das Comunidades Quilombolas do Rio Grande do Norte. Portal Eletrônico. Disponível em: <<https://www.palmares.gov.br/sites/mapa/crqs-estados/crqs-rn-22082022.pdf>>. Acesso em: 30 de junho de 2023.

Pinto, L. F. G. et al.. Governance lessons from the Atlantic Forest to the conservation of the Amazon. **Perspectives In Ecology And Conservation**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 1-5, jan. 2023. Elsevier BV. doi: 10.1016/j.pecon.2022.10.004

Rabelo, J. B. Conflitos ambientais gerados pelo racismo ambiental no processo de implantação do Conselho Gestor da ReBio Serra Negra em terras indígenas-PE. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 25, n. 2, 2010.

Sales, A. Comunidades Tradicionais e a Biodiversidade em Unidades de Conservação. 2021. Disponível em: <<https://agenciaeconordeste.com.br/comunidades-tradicionais-e-a-biodiversidade-em-unidades-de-conservacao/>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

Santos, D. P. et al. LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DO CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Biosphere Comunicações Científicas**, v. 2, n. 2, p. 23-32, 2022.

Sansão, R. A.. **As práticas de governança e gestão para a mitigação de pressões e ameaças em unidades de conservação urbanas**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

Sganzerla, C. M. et al. Revisão integrativa aplicada a levantamentos etnobotânicos de plantas medicinais no Brasil. **Revista Acta Ambiental Catarinense**, v. 19, n. 1, p. 01-16, 2022. doi: [10.24021/raac.v19i1.6365](https://doi.org/10.24021/raac.v19i1.6365)

Silva, E. F. Etnociências como subsídios ao ordenamento da pesca artesanal no nordeste do Brasil. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v. 14, n. 2, p. 381-411, 2022.

Silva, J. P. C. et al. Can medicinal use protect plant species from wood uses? Evidence from Northeastern Brazil. **Journal of Environmental Management**, v. 279, p. 111800, 2021. doi: [10.1016/j.jenvman.2020.111800](https://doi.org/10.1016/j.jenvman.2020.111800)

Soares, M. F. PIB – Povos Indígenas no Brasil: Tikuna. 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna>. Acesso: 10 de jun. de 2024.

Tavares, A. V. N. M. et al.. PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANCs) NA DIETA HUMANA: um estudo de revisão. **Revista Saúde - Ung-Ser**, [S.L.], v. 16, n. 2, p. 42, 22 ago. 2022. *Revistas Científicas Eletrônicas UNG*. doi: 10.33947/1982-3282-v16n2-4580

Teixeira, M. G. Unidades de conservação da caatinga: distribuição e contribuições para conservação. 2016. Dissertação de Mestrado. Brasil.

Vitório, C. V. A. et al. ESTRUTURA E LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DE UM FRAGMENTO DE MATA ATLÂNTICA NA REPRESA BILLINGS. *Revista Internacional de Ciências*, [S.L.], v. 13, p. 12-14, 13 jan. 2023. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. doi: 10.12957/ric.2023.72393

Wagley, C.. Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos. **Brasiliana**, 1957.

Zannato, V. G.; ROSA, P. C.. Conflitos socioambientais em áreas protegidas: disputas territoriais nas reservas de desenvolvimento sustentável Amirauá e Amanã–AM. **INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 17, n. 1, p. 1-18, 2020. doi: [10.5007/1807-1384.2020.e70148](https://doi.org/10.5007/1807-1384.2020.e70148)

ETNOBOTÂNICA NO COTIDIANO DA COMUNIDADE INDÍGENA KATU DOS ELEOTÉRIOS NO AGRESTE POTIGUAR

Resumo

Este trabalho buscou fazer um levantamento florístico e etnobotânico da região da comunidade do Katu dos Eleotérios, em específico na área de conservação e uso sustentável presente na área de proteção ambiental Piquiri-Una em zona litorânea do Rio Grande do Norte. A pesquisa foi realizada por meio do questionamento “Qual a relação dos tipos de uso de plantas nativas e exóticas pela comunidade com os impactos causados a essas espécies?”, em que foram formuladas as hipóteses (i) “espécies que possuem poucos usos sofrem menos impacto” e (ii) “espécies menos citadas pela comunidade sofrem menor impacto”. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a população para saber quais plantas a comunidade utilizava para fins medicinais, alimentícias, culturais e de construção civil e foram coletadas amostras para herborização e identificação. Entre as espécies medicinais foi calculada a frequência relativa de citação e o nível de fidelidade de Friedman. Ao todo as duas expedições feitas à comunidade do Katu foram aplicados 42 formulários distribuídos em diferentes domicílios ao longo da reserva totalizando 15,10% dos domicílios totais. Os formulários mostraram uma variedade de 37 famílias botânicas e 76 espécies sendo elas 26,64% nativas e 73,36% naturalizadas ou cultivadas. Em relação a frequência se destacaram a erva-cidreira, o capim-santo, o barbatimão, a hortelã-miúda e a hortelã-gorda, e no nível de fidelidade o barbatimão e o jenipapo mostrando uma pressão extrativista sobre essas espécies.

Palavras-chave: Levantamento florístico; Etnobotânica; Impactos ambientais; Mata Atlântica; Caatinga.

Abstract

This study aimed to conduct a floristic and ethnobotanical survey in the Katu community region, specifically in the conservation and sustainable use area within the Piquiri-Una Environmental Protection Zone, located along the coastal zone of Rio Grande do Norte, Brazil. The research was guided by the question, "What is the relationship between the types of uses of native and exotic plants by the community and the impacts caused on these species?" Two hypotheses were formulated: (i) "species with fewer uses experience less impact" and (ii) "species less mentioned by the community experience lower impact.". Semi-structured interviews were conducted with the population to identify the plants the community used for medicinal, nutritional, cultural, and construction purposes. Samples were collected for herbarium preparation and identification. For medicinal species, the relative frequency of citation and Friedman's fidelity level were calculated. Across two expeditions to the Katu

community, 42 questionnaires were distributed across different households within the reserve, covering 15.10% of the total households. The questionnaires revealed a variety of 37 botanical families and 76 species, of which 26.64% were native and 73.36% were naturalized or cultivated. Among the most frequently cited species were lemon balm (Erva Cidreira), lemongrass (Capim-Santo), barbatimão (barbatimão), small mint (hortelã miúda), and broad mint (hortelã gorda). Regarding fidelity levels, barbatimão and jenipapo stood out, indicating extractive pressure on these species.

Keywords: Floristic survey; Ethnobotany; Environmental impacts; Atlantic Forest; Caatinga.

Introdução

A etnobotânica constitui uma sub-área das etnociências que foca na relação entre as comunidades humanas e as plantas, considerando aspectos culturais, religiosos históricos e funcionais dentro da comunidade (Rocha, Boscolo e Fernandes, 2015). Dentro desse campo, há um enfoque no estudo de comunidades consideradas tradicionais que são conceituadas como grupos populacionais que, por conservarem suas tradições religiosas e culturais passadas hereditariamente, possuem íntima relação com o ambiente e os recursos naturais (Fernandes e Moser 2021).

O Nordeste é uma região que também possui povoados indígenas, como é o exemplo dos Pituary e Tapeba do Ceará e Pankararu de Pernambuco (FUNAI, 2024). Contudo, um dos estados que até um tempo atrás não estava em evidência se tratando do reconhecimento de povos indígenas é o estado do Rio Grande do Norte, que além de possuir uma vegetação muito diversa e rica, também possui uma grande riqueza cultural indígena, contudo a variedade de povos dessas etnias no estado foi tardiamente registrada oficialmente na Fundação Nacional do Índio - FUNAI, sendo estes: Sagi-Trabanda; Eleotérios do Katu; Mendonças do Amarelão; Tapará; Caboclos do Açú e Banguê no Piató (FIOCRUZ, 2023).

Contudo, apesar de haver listagens das plantas utilizadas nesses ambientes, o que predomina são somente os usos medicinais ditos pela população sem uma pesquisa mais profunda que aborde as relações culturais que relacionam as plantas e as pessoas nesses povoados e também sobre os impactos que o essas práticas tradicionais pode trazer para a vegetação.

O estado do Rio Grande do Norte possui diversos tipos de comunidades tradicionais, dentre eles as comunidades indígenas como os Katu dos Eleotérios e os Sagi/Trabanda. Ambas se destacam por possuírem atividades em contato com áreas preservadas, como é o caso dos Potiguaras Katu dos Eleotérios com a Área de Proteção Ambiental Piquiri-Uma, e Potiguaras

do Sagi/Trabanda que habitam próximo a Reserva Particular do Patrimônio Natural Mata da Estrela no Município de Baía Formosa (CCHLA, 2020; IDEMA 2023).

O presente trabalho foi construído por meio da hipótese de que a comunidade Katu dos Eleotérios possui conhecimento tradicional acerca do uso da vegetação e que esse conhecimento contribui para a conservação da vegetação utilizada por eles na unidade de conservação. Buscou-se também quantificar e identificar quais espécies eram usadas por essa comunidade.

Metodologia

Caracterização do local de estudo

A pesquisa foi realizada na comunidade indígena Katu dos Eleotérios, localizada nos municípios de Canguarátama e Goianinha. A comunidade está inserida na unidade de conservação Área de Proteção Ambiental Piquiri-Una (APAPU), através da reserva legal Zona Tradicional de Uso Sustentável Catú (ZTUSC) (Figura 1).

Segundo o plano de Manejo da UC, a ZTUSC trata-se de uma zona onde os ecossistemas presentes apresentam mediana interferência humana e é de relevante importância para a conservação dos aspectos culturais indígenas. Possui limitação leste pela rodovia federal BR – 101, oeste pela Zona de Preservação 2, e Norte e Sul pelas estradas que levam à comunidade (IDEMA, 2013; Silva, Miller e Vasquez, 2021).

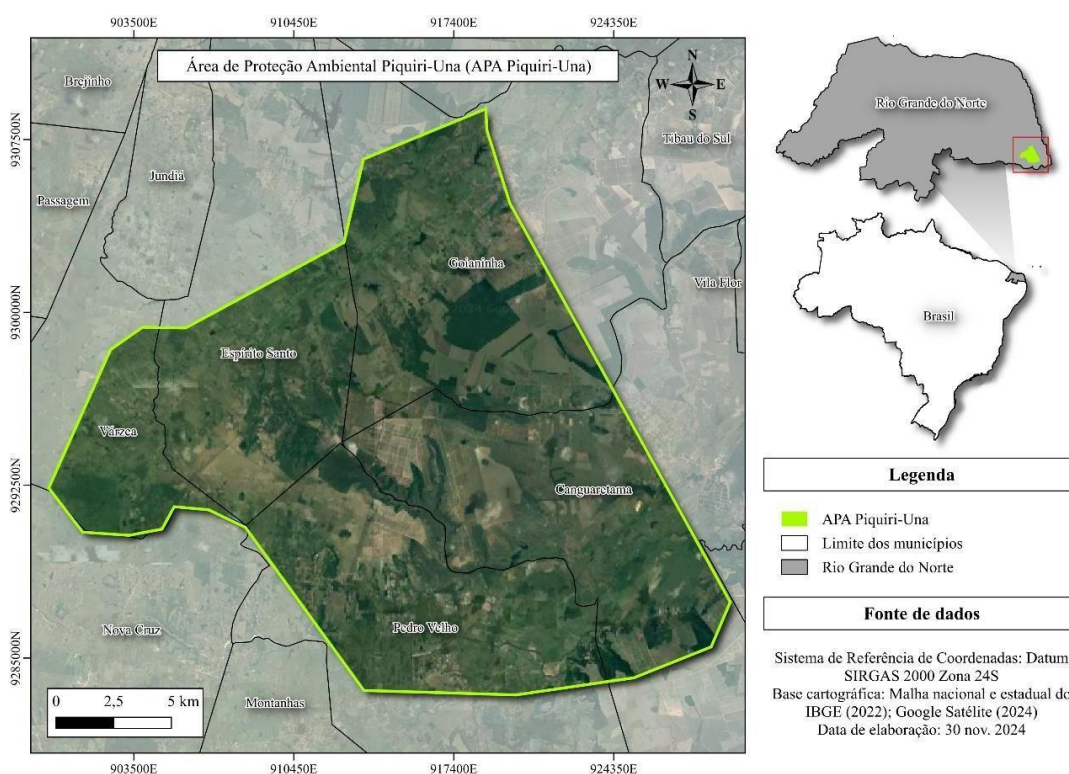


Figura 1: Localização da APA Piquiri- Una.

Fonte: Autor, 2024

A Zona Tradicional de Uso Sustentável do Katu é uma reserva legal utilizada pela comunidade Katu dos Eleotérios dentro da Área de Proteção Ambiental Piquiri-Una localizada na porção leste da UC compreendendo parte da área dos municípios de Canguaretama e Goianinha (Figura 2 e 3). Segundo o plano de Manejo da Unidade de conservação, trata-se de uma zona onde os ecossistemas presentes apresentam mediana interferência humana e de relevante importância para a conservação de aspectos culturais da comunidade indígena. Possui limitação leste pela rodovia federal BR – 101, oeste pela Zona de Preservação 2, e Norte e Sul pelas estradas que levam à comunidade (IDEMA, 2013; Silva, Miller e Vasquez, 2021).

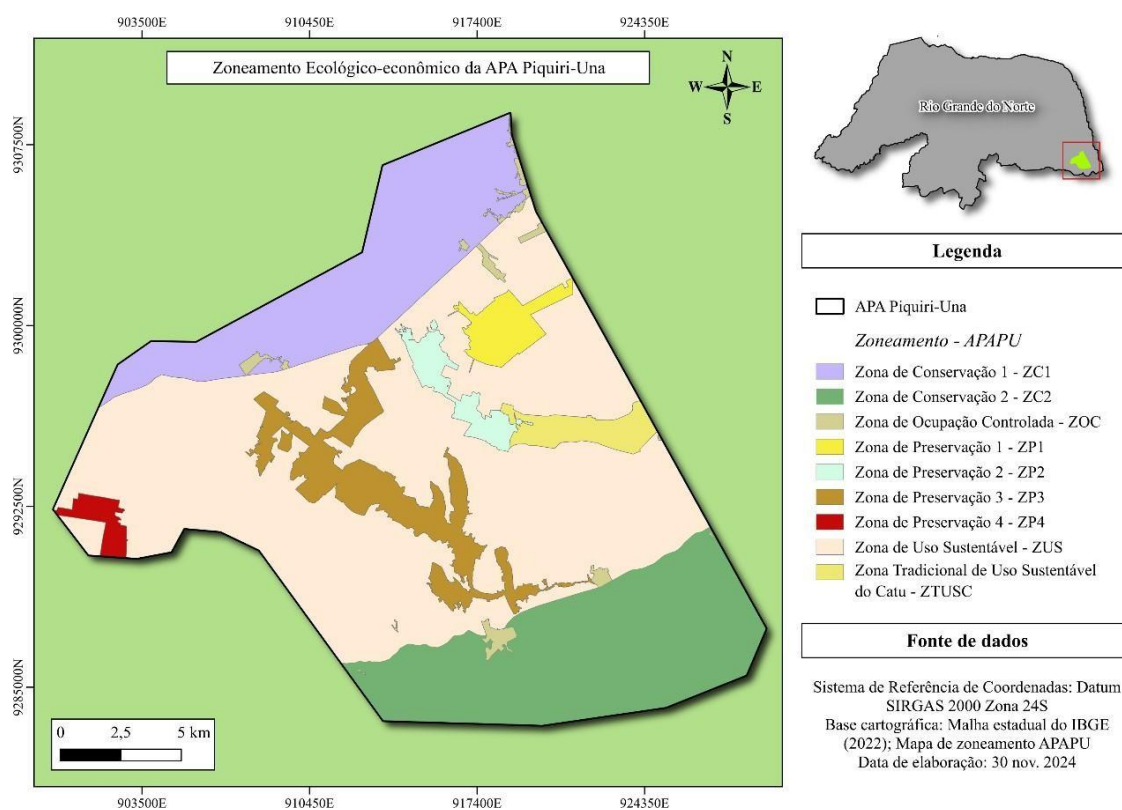


Figura 2: Zoneamento da APA Piquiri-Una

Fonte: Autor, 2024

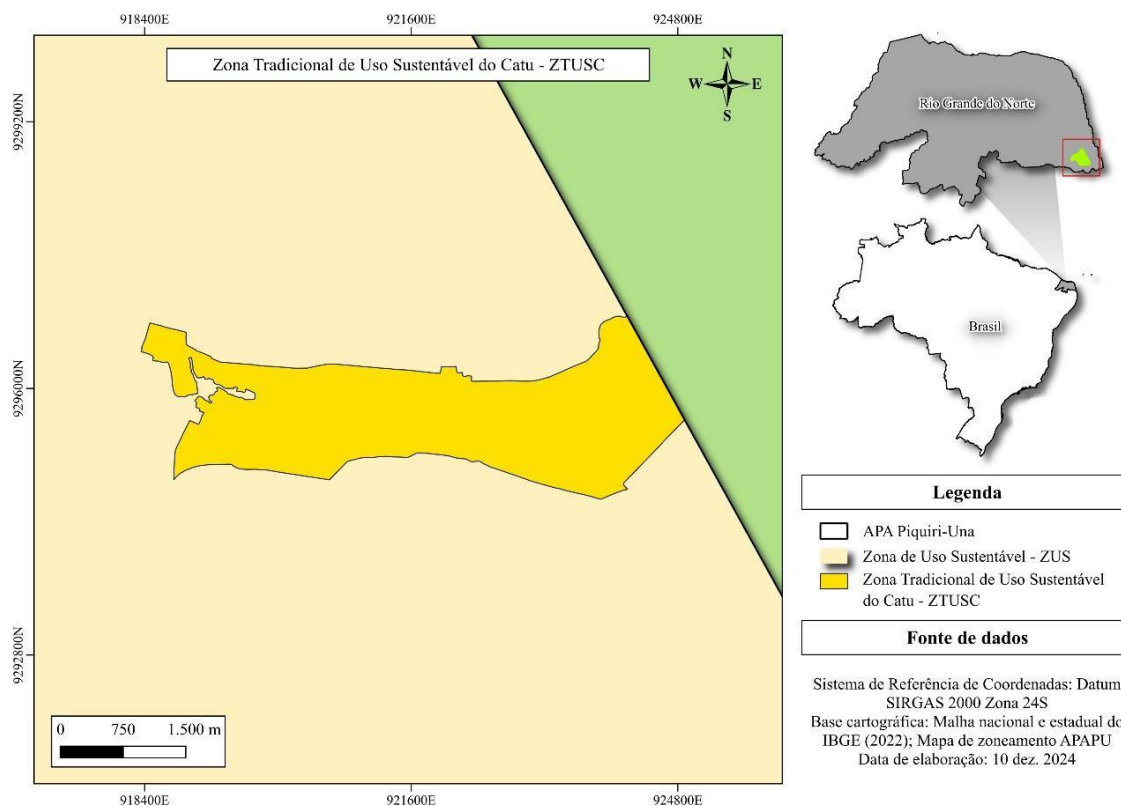


Figura 3: Localização da Zona Tradicional de Uso Sustentável do Catu

Fonte: Autor, 2024

Coleta de dados

Este trabalho buscou fazer um levantamento florístico e etnobotânico da região da comunidade do Katu do Eleoterios, em específico na área de conservação e uso sustentável presente na área de proteção ambiental Piquiri-Una em zona litorânea do Rio Grande do Norte, essa área de proteção ambiental que é vista como um dos locais de preservação prioritários no estado (Figura 2). Serão caracterizadas as plantas da região segundo os métodos de Rodal et al. (2013), em que irá se coletar material botânico (material reprodutivo) no período de 1 ano e as informações das espécies anotadas em fichas ou cadernetas de campo para que depois se faça a classificação de acordo com a APG IV (2016). Para a identificação, foi utilizado literatura específica e também consulta aos especialistas. Ademais, também irá se observar a diversidade hierárquica, que é a análise do número de espécies e gêneros por família coletada, além da quantidade de espécies nativas e exóticas.

A segunda coleta diz respeito a entrevistas semiestruturadas feitas com a população, aprovadas e consubstanciadas pelo comitê de ética da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – CEP/UERN (parecer n° 6.692.753), pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP (parecer n° 6.881.162) (Apêndice 1), pelo Núcleo de Unidade de Conservação do IDEMA – NUC n° 19/2024, ao Instituto Chico Mende de Conservação da Biodiversidade –

ICMBio n° 90.147 (devido a área de estudo se tratar de uma unidade de conservação) e cadastrado regularmente no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado - SISGen n° A24AD4F. Inicialmente os participantes foram convidados a assinar o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido – RCLE (Anexo 3). Em seguida, no formulário adotado na entrevista (Anexo 2) foi questionado aos habitantes primeiramente sua idade e gênero (Assegurando a integridade do participantes bem como o sigilo dessas informações tendo como riscos o constrangimento do participante devido à alguma pergunta e a contaminação dos participantes tendo em vista que houve uma pandemia recentemente e benefícios contribuir para a preservação do conhecimento etnobotânico da comunidade Katu dos Eleotérios e para o desenvolvimento de estratégias de conservação da vegetação local) levando em consideração a resolução 466 de 2013 do conselho nacional de saúde que regulamenta a pesquisa envolvendo seres humanos e também a 510 de 2016 que fala sobre a pesquisa envolvendo seres humanos no âmbito das ciências sociais (CNS, 2013;2016). Posteriormente houve três questionamentos abertos recorrendo ao método de lista livre, em que foram coletadas informações sobre as plantas utilizadas como medicinais, alimentícias e em seu cotidiano, classificadas como demais usos, sendo esses ritualísticos (em relação ao patrimônio cultural da comunidade e sua relação com as plantas), ou na construção civil (Albuquerque et al., 2010). A amostra coletada foi de 42 famílias, que corresponde a uma estimativa de 30% da população, visto que essa amostra é de quantidade representativa como é exemplificado no trabalho de Scotti (2012) em que foi feito com 32% da população da comunidade.

Análise de dados

Por fim, foi realizada uma análise dos dados obtidos, tanto no levantamento florístico como nas entrevistas com a população, discutindo pontos importantes como a quantidade de espécies exóticas e nativas, as famílias e as espécies mais significativas na análise, a frequência de cada espécie daquela área e a quantidade de espécies herbáceas e arbóreas.

Também foram analisadas as pesquisas com a população, o conhecimento conservado de acordo com a idade e gênero para que possamos comparar os dados obtidos nessa comunidade com estudos que trazem informação de unidades semelhantes como o de Pasa e Ávila (2010). A frequência relativa de citação foi analisada, a qual é um parâmetro importante para se saber a relevância dessas espécies para essa comunidade, em que foi dada pela seguinte fórmula (Santos et al., 2022a):

$$FRC = FC \ / \ N$$

$$FRC = \text{Frequencia Relativa de Citação } (0 < FRC < 1);$$

FC = Quantidade de vezes que a planta foi citada;

N = Total de citações;

Outro parâmetro importante que foi analisado foi o “Nível de Fidelidade de Friedman”, que usa como base a concordância entre as respostas dos informantes para uma indicação de certa finalidade de determinada planta que é dado pela fórmula (Silva et al., 2010):

$$FL = (Ip/Iu) \times 100$$

FL = nível de fidelidade;

Ip = número de informantes que citaram o uso principal da espécie;

Iu = número total de informantes que citaram a espécie para qualquer finalidade.

Para a inclusão das plantas neste segundo parâmetro foram utilizados os critérios (i): a espécie ser citada mais de uma vez e (ii): a espécie possuir mais de um uso.

Ao final dessas análises foi feita uma comparação entre os resultados com a análise das espécies presentes na vegetação local e os resultados em relação ao uso pela população focando-se na relação do cotidiano dessa comunidade com a preservação desses recursos naturais presentes, demonstrando como se dá a relação sustentável dessa comunidade com a natureza.

Resultados e Discussões

Durante a entrevista, todos os 42 entrevistados afirmaram usar plantas medicinais e alimentícias nos seus respectivos domicílios. Em relação à faixa etária e gênero dos entrevistados, foram abordadas 67,3% de pessoas do sexo feminino de 40 anos ou mais, segundo Nunes et al. (2021), em comunidades tradicionais as mulheres são as responsáveis pela casa e também pelo cuidado com os filhos, coletando assim de forma mais abrangente esse conhecimento tradicional.

Os dados também têm influência do horário da coleta, que foi pela manhã, devido à grande presença dessas mulheres nesse período do dia nos domicílios, acumulando conhecimentos sobre plantas medicinais e alimentícias e também a sua disponibilidade. Além de, por ser uma comunidade que sobrevive da caça, coleta de frutos e agricultura, os homens que cuidam dessas funções em muitos casos não estavam presentes em suas casas.

Além disso foi visto que a maior média de quantidade de respostas foram das pessoas com faixa etária de 51 a 60 anos com uma média de 9,8 respostas seguidos das pessoas com faixa etária de 41 a 50 anos com uma média de 9 respostas e das pessoas com mais de 60 anos que tiveram uma média de 7,2. Esses resultados corroboram com o que diz Durão et al. (2021) que fala que pessoas de idade mais avançada possuem mais conhecimento tradicional conservado e que tal conhecimento está se perdendo dentre os jovens.

Os formulários mostraram uma variedade de 43 famílias botânicas e 77 espécies, sendo elas 26,64% nativas e 73,36% exóticas (De acordo com a classificação do Flora e Funga do Brasil) (Tabela 1). Essa diferença de espécies nativas e exóticas é visto também nos trabalhos de Silva Neto et al. (2019) e Souza et al. (2023) em que é notável uma numerosa quantidade de espécies exóticas de fácil adaptação nos levantamentos etnobotânicos no Nordeste.

Tabela 1: Plantas utilizadas no cotidiano pelos entrevistados na comunidade Katu do Eleotérios – Canguaretama e Goianinha/RN

Família/Espécie	Nome Popular	Origem	FRC	Forma de uso/Parte Utilizada	Indicação de uso	Número de Tombo
ADOXACEAE						
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltl	Sabugueira	Exótica	9,5%	Infusão da flor	Febre	*
AMARANTHACEAE						
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Mastruz	Exótica	23,8%	Pilado com leite, pilado com açúcar	Anti-helmíntico, tosse, analgésico, fraturas, expectorante	9919
AMARYLLIDACEAE						
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Exótica	2,4%	Infusão das folhas escamiformes do bulbo	Gripe	*
ANACARDIACEAE						
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	Nativa	12%	Infusão da casca	Cicatrização	9906
ANNONACEAE						
<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	Exótica	7,1%	Infusão da folha	Baixar a glicose (Diabetes)	*
<i>Guatteria sellowiana</i> Schltl	Embira	Nativa	2,4%	Molho das sementes	Analgésico	9952
APIACEAE						

<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva - doce	Exótica	21,4%	Infusão das folhas	Calmante	*
APOCYNACEAE						
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don	Boa - noite branca	Exótica	2,4%	Infusão da flor	Tosse	9922
<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangaba	Nativa	2,4%	Ingerir o látex do caule	Analgésico/articulações	9953
ARECACEAE						
<i>Cocos nucifera</i> L.	Côco	Exótica	12%	óleo do fruto, água	Cicatrização, hidratação	*
ASPARAGACEAE						
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	Babosa	Exótica	12%	Utilizado em lambedor	Tosse	*
ASTERACEAE						
<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Espinho de cigano	Nativa	7,1%	Lambedor da raíz	Gripe	*
Artemisia sp.	Artemísia		2,4%	Escalda pé		*
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Camomila	Exótica	9,5%	Infusão, banho das folhas e flores	Ansiedade, calmante	9924

<i>Eclipta prostrata</i> (L.) L	Acondio	Nativa	2,4%	Lambedor	Gripe	9945
BIGNONIACEAE						
<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G.Lohmann	Cragirú	Nativa	2,4%	Lambedor da folha	Anti-inflamatório, imunidade	9929
BIXACEAE						
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	Nativa	21,4%	Fruto e sementes	Corante para comida e tintura em rituais	9950
BORAGINACEAE						
<i>Heliotropium indicum</i> L	Fedegosa	Nativa	2,4%	Infusão da flor	Gripe	9942
BRASSICACEAE						
<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	Exótica	2,4%	Batido com água	Gastrite	*
BROMELIACEAE						
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merril	Abacaxi	Exótica	2,4%	Lambedor da infrutescência	Tosse	*
BURSERACEAE						
<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	Mescla	Nativa	7,1	Infusão da casca	Gripe e dores musculares	9903
CACTACEAE						
<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb.	Coroa de Frade	Nativa	2,4%	Lambedor do da seiva do cacto	Expectorante	*

<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Ora-pro-nobis	Nativa	2,4%	Comer a folha com a comida, salada	Colesterol, anemia	*
CONVOLVULACEAE						
E <i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	Batata-de-purga	Nativa	9,5%	Infusão da casca e das sementes	Ação laxativa, anti-helmíntica	9917
COSTACEAE						
<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	Cana-do-brejo	Nativa	12%	Infusão das folhas	Baixar a glicose (Diabetes), Infecção	9928
CRASSULACEAE						
<i>Kalanchoe daigremontiana</i> Raym.-Hamet & H. Perrier	Corama, saião	Exótica	2,4%	Lambedor	Tosse	*
CUCURBITACEAE						
<i>Momordica charantia</i> L.	Melão de São Caetano	Exótica	2,4%	Infusão da folha e semente	Baixar a glicose, gripe	9914
EUPHORBIACEAE						
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	Nativa	2,4%	Banho	Resfriado	9955
<i>Jatropha multifida</i> L.	Metiolate	Exótica	2,4%	Seiva do caule	Cortes e ferimentos em geral	9936
<i>Cnidocolus urens</i> (L.) Arthur	Urtiga branca	Nativa	7,1%	Infusão da raiz	Anti-inflamatório e diurético	9925
FABACEAE						

<i>Abarema cochliacarpus</i> (Gomes) Barneby & J.W.Grimes	Barbatimão	Nativa	24%	Casca do caule de molho na água	Cicatrizante, anti- inflamatório, infecção urinária	9905
<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vogel) J.F.Macbr.	Jitaí	Nativa	12%	Lambedor da casca	Gripe e Amigdalite	9902
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Sucupira- preta	Nativa	7,1%	Infusão das folhas	Analgésico	9901
<i>Chamaecrista</i> <i>ensifformis</i> Vell. Irwin & Barneby	Pau-Ferro	Nativa	9,5%	Casca de molho na água	Anti-inflamatório	9908
<i>Hymenaea altissima</i> Ducke	Jatobá	Nativa	12%	Infusão da casca	Gripe	*
<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz	Jucá	Nativa	7,1%	Infusão da casca, casca de molho	Anti-inflamatório, cicatrizante	9949
<i>Macropsychanthus</i>	Olho-de- boi	Nativa	12%	Sementes	Alimentação após fervura de 9 dias, artesanato	9951
<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	Sucupira	Nativa	2,4%	Sementes	Analgésico/Coluna e ossos	*
GESNERIACEAE						
<i>Episcia cupreata</i> (Hook.) Hanst.	Tapete de rainha	Exótica	2,4%	Lambedor ou infusão da folha	Antibiótico	9938
LAMIACEAE						
<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	Macaçá	Exótica	2,4%	Infusão das folhas	Analgésico, câimbras	*

Lamiaceae 01	Hortelã - miúda/Coe ntro	Exótica	21,40%	Macerada como tempero na comida	—	9940
Lamiaceae 02	Hortelã - miúda/Coe ntro	Exótica	21,40%	Macerada como tempero na comida	—	9939
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Hortelã - Gordo	Exótica	21,40%	Chá das folhas	Gripe	9923
<i>Plectranthus sp.</i>	Boldo	Exótica	30,90%	Chá das folhas	Antigases	9921
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Alfavaca	Exótica	9,5%	Chá da folha	Analgésico, gases e má digestão	9926
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Louro	Exótica	21,40%	Infusão da folha	Analgésico, anti-gases e má digestão	*
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Exótica	12%	Infusão das folhas	Tosse	*
<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Liamba	Exótica	2,4%	Decocção para uso em massagens	Analgésico	9937
LAURACEAE						
<i>Cinnamomum verum</i> J.Presl	Canela	Exótica	9,5%	Infusão da casca, folha	Digestão	9931
LECYTHIDACEAE						
<i>Lecythis marcgraaviana</i> Miers	Sapucaia	Nativa	9,5%	Infusão da casca	Anestésico	9904
LYTHRACEAE						

<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Nativa	21,40%	Molho das folhas	Analgésico	9920
---------------------------	------	--------	--------	------------------	------------	------

MALVACEAE

<i>Alcea rosea</i> L.	Malva Rosa	Exótica	9,5%	Infusão das folhas	Antitérmico e Analgésico	*
-----------------------	------------	---------	------	--------------------	--------------------------	---

MORACEAE

<i>Morus nigra</i> L.	Amora	Exótica	2,4%	Infusão das folhas	Gripe	9941
-----------------------	-------	---------	------	--------------------	-------	------

MYRTACEAE

<i>Campomanesia</i> sp.	Gabirola	Nativa	2,4%	Infusão das folhas	Diarreia	9907
-------------------------	----------	--------	------	--------------------	----------	------

<i>Corymbia calophylla</i> (Lindl.) K.D.Hill & L.A.S.Johnson	Eucalipto	Exótica	9,5%	Inalação do vapor da infusão das folhas	Gripe, febre	*
--	-----------	---------	------	--	--------------	---

<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Nativa	2,4%	Chá da folha	Diarréia	*
----------------------------	---------	--------	------	--------------	----------	---

<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	Exótica	9,5%	Chá das Folhas	Analgésico	*
---------------------------	-----------	---------	------	----------------	------------	---

<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M.Perry	Cravo	Exótica	2,4%	Chá da flor	Digestão, uso culinário	*
--	-------	---------	------	-------------	-------------------------	---

PASSIFLORACEAE

<i>Passiflora foetida</i> L.	Maracujá bravo	Exótica	2,4%	Chá das folhas	Calmante	*
PIPERACEAE						
<i>Piper longum</i> L.	Pimenta Darda	Exótica	7,1%	Chá do fruto macerado	Diarréia e amebíase	9911
<i>Piper nigrum</i> L.	Pimenta do Reino	Exótica	7,1%	Adicionado na alimentação	Digestivo, descongestionante nasal anti-inflamatório	9930
PLANTAGINACEAE						
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinh a	Nativa	7,1%	Ingerir macerado	Fratura	9947
POACEAE						
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim- Santo	Exótica	47,60%	Chá das folhas	Digestão	*
RUBIACEAE						
<i>Borreria verticillata</i> (L.) G.Mey.	Quebra- pedra	Nativa	21,40%	Infusão das folhas	Cálculo renal	9913
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum.	Quina - Quina	Nativa	2,4%	Chá da casca	Gordura no fígado e diabetes	9915
<i>Genipa americana</i> L.	Genipapo	Nativa	12%	Lambedor, garrafada, raspa do fruto	Anti-inflamatório, imunidade, hematoma, pintura corporal em eventos rituais e religiosos	9918
<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	Exótica	2,4%	Fruto batido com suco de uva	Anti-inflamatório	*

<i>Psychotria viridis</i> Ruiz & Pav.	Chacrona	Nativa	2,4%	Chá da folha	Ritualístico e cerimonial	*
RUTACEAE						
<i>Citrus aurantiifolia</i> (Christm.) Swingle	Limão	Exótica	9,5%	Lambedor, chá	Tosse, gripe	*
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja	Exótica	16,70%	Chá da casca	Analgésico	*
SAPINDACEAE						
<i>Talisia acutifolia</i> Radlk.	Pitomba	Nativa	2,4%	Chá da folha	Pressão alta	*
SOLANACEAE						
<i>Physalis angulata</i> L.	Canapum	Exótica	2,4%	Fruto	Alimentação	9943
<i>Solanum incarceratum</i> Ruiz & Pav.	Juá	Nativa	2,4%	Raspa da casca	Escovar os dentes, limpar o cabelo	9916
URTICACEAE						
<i>Cecropia palmata</i> Willd.	Capeira	Nativa	2,4%	Infusão da folha	Calmante	9948
VERBENACEAE						
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson	Erva Cidreira	Nativa	57,10%	Chá das folhas	Digestão	9912
XIMENIACEAE						
<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixeira	Nativa	2,4%	Garrafada	Digestão	*
ZINGIBERACEAE						
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burtt & R. M. Sm.	Colônia	Exótica	16,70%	Banho com infusão, chá	Febre, expectorante	9946

<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Gengibre	Exótica	2,4%	Chá do rizoma	Gripe	*
--------------------------------------	----------	---------	------	---------------	-------	---

NÃO IDENTIFICADO	Bezetalil		2,4%	Chá da folha	Antibiótico	**
------------------	-----------	--	------	--------------	-------------	----

Legenda: FRC = Frequência Relativa de Citação/ * = Não Coletado/ ** = Não identificado

As famílias com a maior quantidade de espécies foram Fabaceae com 9 espécies citadas seguida de Lamiaceae com 7 espécies, Myrtaceae e Rubiaceae com 5 espécies, Asteraceae e Euphorbiaceae com 3 espécies, Annonaceae, Apocynaceae, Cactaceae, Piperaceae, Rutaceae, Solanaceae e Zingiberaceae todas com 2 espécies. É visto em outros levantamentos etnobotânicos como o de Tatagiba *et al.* (2019) e o de Pasa (2020) que a família Lamiaceae é sempre bem representada nesses estudos por possuírem um grande contingente de espécies com ativos terapêuticos.

A família Fabaceae é uma família amplamente difundida em estudos etnobotânicos ao longo do mundo como o de Maroyi (2023) realizado em Zimbabwe onde foi feita uma revisão das plantas da família utilizadas nesse país em que foram contabilizadas um total de 101 espécies de Fabaceae utilizadas de forma medicinal em humanos e animais. Ademais, também é visto que essa família é fortemente presente em trabalhos etnobotânicos e florísticos no Brasil como o de Braga *et al.* (2022) em que houve semelhança na citação de gêneros e espécies com esse trabalho como *Hymenaea* em que em ambos os trabalhos são chamados de Jatobá e possuem as mesmas finalidades indicadas pela população, as espécies *Pterodon emarginatus* (Sucupira) e *Caesalpinia ferrea* (Jucá) ambas descritas com a mesma finalidade nos dois trabalhos.

Em relação à Lamiaceae também é perceptível a sua grande presença nos estudos com comunidades tradicionais principalmente se tratando dos efeitos medicinais dessa família como é o exemplo do trabalho de Rattray e Van Wyk (2021) realizado no sul da África em que foi visto os gêneros *Aeollanthus*, *Plectranthus* e *Ocimum* em comum com esse trabalho e o trabalho de Redouan *et al.* (2023) feito no Marrocos em que foi citado as espécies *Ocimum basilicum* L. possuindo efeito semelhante ao citado neste trabalho e *Rosmarinus officinalis* L. possuindo efeito em tratamentos cutâneos.

Quanto analisada a família Myrtaceae, é visto que ela não se mostra tão comum aos trabalhos etnobotânicos como a Lamiaceae e Fabaceae, no entanto o gênero *Eucalyptus* é amplamente conhecido por ser utilizado para os tratamentos de doenças do sistema respiratório e contra febre, destaca-se também a goiabeira e o cravo pela utilização em problemas do trato digestório e também com finalidade alimentícia (Rodrigues *et al.* 2024). Ademais, é também perceptível no trabalho de Albuquerque *et al.* (2007) a presença de uma planta do gênero *Campomanesia* denominada popularmente como “Batinga Branca” do mesmo gênero da “Gabirola” presente neste trabalho, contudo possuindo finalidades medicinais diferentes.

O táxon Rubiaceae é amplamente difundida entre os levantamentos etnobotânicos pelo Brasil como acontece no trabalho de Souza et al. 2013 em que são vistas todas as espécies de Rubiaceae em semelhança presentes neste trabalho como a *Borreria verticillata* (L.) G.Mey. contudo essa espécie não possui a indicação de efeito medicinal contra cálculo renal relatado nesse trabalho descrito neste mais antigo. Ademais foi visto também a presença da espécie *Psychotria viridis* Ruiz & Pav. utilizada com a mesma finalidade ritualística que neste trabalho. Vale mencionar também o uso de *Genipa americana* L., uma Rubiaceae nativa com grande importância para comunidades tradicionais, em especial, as indígenas não somente com finalidade ritualística, mas também com efeitos medicinais constatados contra anemia e anti-inflamatório (Souza et al. 2013; Vásquez et al. 2014).

A família Asteraceae possuem representantes em estudos etnobotânicos que são comuns em trabalhos pelo Brasil como as plantas do gênero *Artemisia* utilizadas com finalidade medicinal e efeito calmante e contra a Malária, também foi visto a *Matricharia camomila* L. com efeito calmante tanto no trabalho analisado, como neste (Martinez et al. 2020).

Quando falamos da família Euphorbiaceae também é visto que ela está amplamente difundida entre os estudos principalmente de plantas medicinais principalmente com o gênero *Jatropha* como é visto no trabalho de Maroyi (2024) em que é feito um apanhado sobre o uso de Euphorbiaceae pelo globo onde, neste trabalho, é constatável a grande quantidade de finalidades e usos dos gêneros *Jatropha* e *Cnidocolus* presentes nesse trabalho. Ademais, é perceptível a presença marcante de ambos os gêneros em trabalho no nordeste do Brasil como também é o caso deste trabalho, as espécies citadas *Jatropha gossypifolia* L. e *Cnidocolus urens* (L.) Arthur possuem e grande quantidade de citações pela população nos estudos de Trindade e Lameira (2014) e Crepaldi et al. (2016).

Em relação à frequência relativa de citação, as plantas mais citadas foram a Erva Cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson), o Capim-Santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf), o Barbatimão (*Abarema cochliacarpus* (Gomes) Barneby & J.W.Grimes), a hortelã miúda (Lamiaceae sp.) e a hortelã gorda (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.) as quais a seguir foram reunidas informações bibliográficas sobre seus efeitos. Essa forte presença da erva cidreira, do capim santo e das espécies do gênero *Mentha* popularmente chamadas de “hortelãs” é vista em muitos trabalhos como no de Araújo, Rodrigues e Moura (2021) e no de Figueiredo et al. (2024). Essa presença constante dessas plantas pode ser explicada devido ao seu porte herbáceo e fácil disseminação, o que facilita seu uso como medicinal (Silva et al. 2021).

Vale destacar também que a frequência relativa elevada dessas espécies principalmente as nativas *L. alba* e *A. cochliacarpus*, podem indicar, segundo os trabalhos de Coe e Gaoue (2021) em que foi analisado padrões de “redundância terapêutica” e sua relação com pressão de uso e o de Albuquerque (2006) em que é analisado a relação da FRC com questões conservacionistas, uma pressão de uso nestas duas espécies nativas de importância local.

Erva-Cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P.Wilson)

A *Lippia alba* é distribuída por vários países tropicais na América latina resultando em diversos nomes normalmente ligados ao seu aroma e importância medicinal. Na Colômbia pode ser popularmente chamada de “pronto alívio” e “curatodo”, já no Brasil ela é normalmente denominada de “Erva-cidreira”, “falsa-melissa”, “chá-de-tabuleiro” e “erva-cidreira-do-campo” (Silva *et al.* 2018).

A Erva Cidreira é um arbusto de porte médio com 0,6-2m de altura, perene e aromático, com ramos tetragonais hirsutos e tricomas glandulares sésseis com folhas opostas-cruzada inteiras de 2 a 8 cm com tricomas, margens crenulares, ausência de estípulas, flores hermafroditas de cor branca ou rosa e fruto esquizocarpo (Salimena e Cardoso, 2024).

Ela possui óleo essencial que contém em quantidades consideráveis os compostos citral, citronelol, limoneno, linalol, geraniol e citronelal (Tavares *et al.* 2005). Esses compostos possuem efeito citotóxico, antioxidante, antiangiogênico, antidepressivo, neuroprotetor, antidiabético, cardioprotetor, antibacteriano contra bactérias gram-positivas, antimicrobiano, antifúngico com ação comprovada contra *Candida krusei* e fungos dermatófitos, anti-inflamatório e também possui o inibidor GABA-T que está relacionado ao relaxamento do sistema nervoso (Silva *et al.* 2018).

Capim – Santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf)

O capim-santo é uma planta originária da Índia e é encontrada em regiões tropicais tais como América do Sul e Central amplamente consumida por seu sabor agradável e propriedades medicinais. A palavra que nomeia o gênero vem do grego “kymbe - pogon” que significa barba de marinheiro (devido a sua espiga e flor) e citratus que nomeia a espécie vem do latim e está relacionada às suas folhas com aroma de limão (Oladeji *et al.* 2019).

O *C. citratus* é uma planta perene, herbácea com folhas estreitas, alternas, longas e em forma de tira que medem cerca de 1,3 a 2,5 de largura e 90 cm de comprimento com pontas soltas e uma cor verde-azulada que ao serem moídas liberam um

aroma de limão graças a presença de citral e aldeído geranial (Tajidin *et al.* 2012; Duarte e Zaneti 2004). O óleo essencial presente nesta espécie possui em sua composição majoritariamente o citral (70-80%) como foi dito anteriormente e o β -mirceno que estão ligados à ação antibacteriana da planta. Sua ação comprovada está principalmente ligada ao efeito calmante, ansiolítico, analgésico e antigripal (Negrelle e Gomes 2007).

Barbatimão (*Abarema cochliacarpus* (Gomes) Barneby & J.W.Grimes)

A *A. cochliacarpus* é uma planta nativa do Brasil, ocorrendo comumente na Mata Atlântica e Caatinga e denominada popularmente como barbatimão (embora algumas outras plantas brasileiras também usem dessa denominação como *Stryphnodendron adstringens*, *S. polyphylum*, *S. obovatum* e *Dimorphandra mollis*) (Silva *et al.* 2009). Essa espécie possui folhas compostas com folíolos lanceolados maiores que 1,8 cm, inflorescências do tipo racemo capitado de coloração branca, frutos lisos e irregularmente constrictos (Morim, Iganci e Guerra 2024).

Quimicamente o extrato do caule possui taninos, flavonoides e saponinas que conferem efeito anti-inflamatório diminuindo a ação de citocinas pró-inflamatórias como TNF- α e IL-10 (Souza *et al.* 2011). O extrato dessa planta também demonstrou ação cicatrizante e antimicrobiana eficientes contra infecções orais (Silva *et al.* 2009; Santos *et al.* 2022b). Além desses efeitos foram encontradas evidências que o extrato etanólico de *A. cochliacarpus* tem efeito antiofídico relacionado às potencialidades anti-hiperalgésicas, anti-inflamatórias e antioxidantes do extrato (Oliveira *et al.*, 2014).

Hortelã – Gordo (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.)

A espécie *Plectranthus amboinicus* comumente chamada no Brasil de Hortelã-gorda ou Hortelã da folha larga, é uma planta perene encontrada originalmente em regiões tropicais e quentes da África, Ásia e Austrália. Trata-se de um arbusto com tendências rastejantes ou trepadeiras, podendo atingir em média um metro de altura com caules de 30-90 centímetros e tricomas presentes, as folhas são simples, grossas, pubescentes com uma maior quantidade de tricomas glandulares na superfície inferior, suas flores possuem forma de sino e coloração roxo claro com tubo curto (Arumugam, Swamy e Sinniah, 2016).

O hortelã-gordo possui bioativos voláteis e não-voláteis com propriedades terapêuticas comprovadas pela literatura possuindo ação anti-inflamatória, antimicrobiana, antitumoral e analgésicas (Sawant *et al.*, 2023). Dentre os ativos antimicrobianos presentes na espécie estão o carvacrol, timol, eugenol e p-cimeno

possuindo ação comprovada no trabalho de Erny et al. (2016) contra *Staphylococcus aureus* e *Escherichia coli*.

Em relação ao nível de fidelidade de Friedman (Tabela 2), foi verificado das nove espécies que se enquadraram nos critérios metodológicos, seis possuíam esse parâmetro igual ou acima de 50% demonstrando que a mostra se manteve fiel quanto a forma de uso aplicada nessas plantas.

Tabela 2: Nível de Fidelidade de Friedman das espécies citadas mais de uma vez e com mais de um uso na comunidade Katu do Eleotérios – Canguaretama e Goianinha/RN

Família/Espécie	Nome Popular	FL
Amaranthaceae		
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Mastruz	40,00%
Arecaceae		
<i>Cocos nucifera</i> L.	Côco	60,00%
Asteraceae		
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Camomila	75,00%
Cactaceae		
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Ora-pro-nobis	50,00%
Fabaceae		
<i>Abarema cochliacarpus</i> (Gomes) Barneby & J.W.Grimes	Barbatimão	60,00%
Lamiaceae		
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Alfavaca	75,00%
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Louro	44,40%
Rubiaceae		
<i>Genipa americana</i> L.	Genipapo	80,00%
Zingiberaceae		
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burt & R. M. Sm.	Colônia	42,85%

Vale destacar nesses resultados a presença do nível de fidelidade elevado em *A. cochliacarpus* e *G. americana*, plantas nativas com presença significativa em região de mata atlântica como se pode ver no trabalho de Silva, Miller e Vasques (2021) e que é visto que comparando a frequência relativa de citação (Tabela 1) e o Nível de fidelidade (Tabela 2), esses parâmetros mostram uma pressão na coleta de produtos florestais não madeireiros nessa comunidade, visto que os indicies se mostraram elevados e essas espécies são extraídas da reserva

As espécies *O. gratissimum* e *D. ambrosioides* sendo espécies exóticas naturalizadas que possuem grande frequência nos trabalhos que listam plantas de uso

medicinal como Dantas e Silva (2020) e Silva, Miller e Vasquez (2019) o qual foi feito na mesma área, possuem uma frequência de citação considerável e um nível de fidelidade menor que 50%, isso pode ser explicado pela influência das mídias e internet dentro da comunidade que causa distinção entre os efeitos relatados entre os participantes da pesquisa, não estabelecendo assim um padrão (Xavier, Barbosa e Albuquerque, 2022).

As plantas utilizadas para os rituais denominados Toré relatadas pelos pajés e cacique da Comunidade são *Bixa orellana* L. (Bixaceae), *Genipa americana* L. (Rubiaceae) ambas nativas, e *Lagenaria siceraria* (Molina) Standl. (Curcubitaceae) exótica, onde em todas essas espécies são colhidos e utilizados os frutos, sendo as duas primeiras plantas para pintura corporal e a última para produção de maracas. Esses dados expõem mais uma vez a pressão na colheita de frutos da espécie *G. americana* onde ela não é só utilizada como medicinal, mas também para esse outro fim.

Além das plantas utilizadas para fins medicinais e culturais, a comunidade mantém a tradição do plantio e colheita de mangaba (*Hancornia speciosa* Gomes) em tabuleiros localizados às margens da APA Piquiri-Una. Onde os frutos são coletados para consumo simultaneamente em que se utiliza o látex dessa planta como medicinal (Tabela 1) corroborando com o que traz o trabalho de Reis *et al.* (2022) em que foi comprovado o seu efeito medicinal e potencial biotecnológico além de seu uso alimentício.

O extrativismo da mangaba é uma prática cultural da comunidade desde o seu desenvolvimento, contudo apesar dessa prática difundida, há uma prática protecionista de não comercialização em grande escala diminuindo assim a sobrecarga nos chamados “tabuleiros de mangaba” visto que também a colheita dos frutos se dá somente na época do verão, de novembro a fevereiro. Ademais também se utiliza a seiva da *H. speciosa* como produto medicinal de uso analgésico para articulações como é visto e comprovado no trabalho de Pedrazini *et al.* (2022).


















Vale destacar também a presença de *Apuleia leiocarpa* (Vogel) J.F.Macbr, conhecido na comunidade pelo nome popular de jitaí que está Lista Nacional Oficial de Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção, conforme a Portaria MMA nº 148, de 7 de junho de 2022. Essa planta que na comunidade é utilizada na produção de lambedores contra gripes, resfriados e amigdalite possui efeito antimicrobiano e anti bacteriano comprovado (Valentim, 2017).






Além disso, podemos citar as espécies arbóreas coletadas na reserva legal destinada ao uso dentro da unidade de conservação onde foram contabilizadas 10 espécies distribuídas em 7 famílias botânicas, sendo a família Fabaceae a mais numerosa em

espécies com um total de 4 espécies de uso etnobotânico. Isso pode ser justificado de forma geral pela grande quantidade de representantes da família Fabaceae na Mata Atlântica reforçada nos artigos de França e Stehmann (2013) onde em uma análise florística foram encontradas 373 espécies de Fabaceae em uma área em Minas Gerais. Foi visto que dentre as 10 espécies da reserva legal utilizadas pela comunidade, 4 espécies possuíam o uso madeireiro e dentro delas 3 dessas espécies possuindo seu uso principal sendo o madeireiro. Em relação as famílias utilizadas para esse fim tivemos a Fabaceae, Myrtaceae e Burseraceae.

Em relação a origem das espécies listadas foi um total de 100% nativas (Tabela 3), sendo elas a *Abarema cochliacarpus* (barbatimão) e *Lecythis marcgraaviana* (Sapucaia) espécies endêmicas do Brasil.

Tabela 3: Espécies de uso arbóreo etnobotânico encontradas na trilha da Zona de Uso Sustentável do Katu e coletadas para uso etnobotânico pela comunidade Katu dos Eleotérios

Família/Espécie	Nome Popular	Origem	Produtos extraídos
Anacardiaceae <i>Anacardium occidentale</i>	Cajueiro	Na	  
Apocynaceae <i>Hancornia speciosa</i>	Mangabeira	Na	 
Burseraceae <i>Protium heptaphyllum</i>	Mescla	Na	 
Fabaceae <i>Abarema cochliacarpus</i>	Barbatimão	Na	 
<i>Apuleia leiocarpa</i>	Jitai	Na	
<i>Bowdichia virgilioides</i>	Sucupira-preta	Na	
<i>Chamaecrista ensiformis</i>	Pau-ferro	Na	 
Lecythidaceae <i>Lecythis marcgraaviana</i>	Sapucaia	Na	
Myrtaceae Campomanesia sp.	Gabiroba	Na	 
Urticaceae <i>Cecropia palmata</i>	Capeira	Na	

Legenda:  = Casca,  = Fruto,  = Seiva ou Látex,  = Madeira,  = Uso principal

A *L. marcgraaviana* é uma espécie encontrada em área de mata atlântica do Espírito do Santo e Rio Grande do Norte e possui um importante papel na biodiversidade desses fragmentos do Bioma por possuírem importantes interações flor-polinizador principalmente com a superfamília das abelhas (Apoidea) reforçando assim sua necessidade de preservação (Vargas et al., 2024; Smith et al., 2016).

O uso madeireiro das fabaceas é visto em todos os biomas devido aos aspectos firmes e pesados dos seus troncos como por exemplo na Amazônia com a espécie *Vouacapoua americana* Aubl. (Reis et al., 2019). Contudo esse uso pode se configurar enquanto impacto antrópico crônico levando em conta que ambas as espécies utilizadas de Fabaceae sofrem corte raso para utilização da madeira para fabricação de cercas, pilares e móveis (Silva et al., 2022). Ademais quando não extraídas de forma drástica com a retirada total do seu caule para uso madeireiro, são utilizadas como medicinais por meio de sua casca o que, segundo os especialistas que guiaram a trilha, contribuem pouco para retirada consciente dessas espécies do local de estudo.

Pode-se destacar também que a espécie que também tem uso madeireiro denominada *Protium heptaphyllum* (Mescla), possui sua integridade protegida de forma superficial, visto que apesar de utilizada como madeireira, seu o maior uso da espécie é para produção de chás e lambedores por meio de cortes superficiais no caule. Essa prática pode ser uma alternativa para conservação da espécie, visto que embora cause um impacto, a prática de extração de partes superficiais do indivíduo pode oferecer uma maior possibilidade de regeneração (Ronchi, Coutinho e Bonfim, 2022).

O cajueiro (*A. occidentale*) mesmo não possuindo uso madeireiro na comunidade, dele é retirado os frutos para torra da castanha com seu comércio disseminado na comunidade e levado a feiras nas cidades de Canguaretama e Goianinha, sua casca é retirada para o preparo de infusões com efeito anti-inflamatório e cicatrizante, e sua seiva utilizada na fabricação de garrafadas. Pode-se notar que embora não possua o impacto no uso madeireiro matando o indivíduo, essa espécie sofre um impacto crônico da retirada constante de vários produtos florestais não madeireiros (PFNM) constantemente causando interferência na própria produção desses produtos e também no processo de reprodução desses indivíduos (Ribeira, 2013).

Vale citar também a utilização do fruto de forma medicinal da capeira (*C. palmata*) visto que apesar da sua utilização a primeira vista não causar dano a estrutura geral do indivíduo, somente em sua parte reprodutiva, ao se apoiar e subir em seu caule oco e delgado, é causado danos no caule que levam à queda do indivíduo. É de relevância a conservação dessa espécie nativa pois segundo Oliveira e Carvalho (2009), ela pode ser uma alternativa para a fixação de fósforo no solo dos próprios sistemas agroflorestais adotados na comunidade.

Considerações Finais

Diante o que foi discutido, pode-se considerar que a comunidade Katu dos Eleotérios utiliza de uma vasta variedade de plantas nativas e exóticas no seu cotidiano, mas que essa utilização é atrelada a preservação da espécie no sentido de que eles mantêm o equilíbrio entre ser humano-vegetação não sobrecarregando os indivíduos com uma coleta devastadora. Ademais pode-se constatar que a frequência relativa de citação baixa em algumas espécies funciona como um indicador de um impacto reduzido sobre esses indivíduos devido a redução da sua pressão de uso. Pôde-se inferir também que dentre as plantas medicinais, de uso cultural e alimentícias nativas as quais são colhidas na “mata”, as espécies *A. cochliacarpus* e *G. amaricana* se destacam por possuírem muitos usos e um nível de fidelidade de Friedman elevado entre os participantes da pesquisa, podendo indicar uma maior exploração de ambas em relação às demais espécies.

Ademais, pode-se inferir também que, embora nativas e utilizadas por parte da comunidade, espécies que foram citadas com pouca frequência pela amostra como a *Cymbopetalum longipes* Benth. ex Diels (Embira) e *Talisia esculenta* (A.St.-Hil.) Radlk. (Olho-de-boi) não possuem seu uso disseminado pela comunidade e sofrem menor pressão extrativista.

Referências Bibliográficas

Albuquerque, U. P. *et al.* Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: Albuquerque, U. P *et al.* **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnobotânica**. Recife: NUPEEA, 2010.

Albuquerque, U. P. *et al.* Medicinal plants of the caatinga (semi-arid) vegetation of NE Brazil: a quantitative approach. **Journal of ethnopharmacology**, v. 114, n. 3, p. 325-354, 2007.

Albuquerque, U. P. *et al.* Evaluating two quantitative ethnobotanical techniques. **Ethnobotany research and applications**, v. 4, p. 051-060, 2006.

Angiosperm Phylogeny Group (2016), «An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV» (PDF), **Botanical Journal of the Linnean Society**, 181 (1): 1–20, doi:10.1111/boj.12385.

Araújo, A. M.; Rodrigues, E. M.; Moura, D. C. Etnobotânica das plantas medicinais no município de Parari, Paraíba, Brasil. **Geosul**, v. 36, n. 78, p. 659-679, 2021. doi: 10.5007/2177-5230.2021.e67196.

Arumugam, G; Swamy, M. K.; Sinniah, U. R. *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng: Botanical, Phytochemical, Pharmacological and Nutritional Significance. **Molecules**, [S.l.], v. 21, n. 4, p. 369, 30 mar. 2016. doi: 10.3390/molecules21040369.

Braga, M. N. S. *et al.* Estudo etnobotânico de plantas medicinais da família Fabaceae na comunidade Cristolândia, Humaitá-AM. **Revista Biodiversidade**, v. 21, n. 2, p. 14-26, 2022.

CCHLA. Potiguara do Katu. Povos Indígenas do RN. UFRN, Natal, 2020. Disponível em: <https://cchla.ufrn.br/povosindigenasdoRN/p_Katu.html>. Acesso em: 01 de dez. De 2022.

CNS - Conselho Nacional de Saúde. Resolução n° 466/2012.

CNS - Conselho Nacional de Saúde. Resolução n° 510/2016.

Coe, M. A.; Gaoue, O. G. Phylogeny explains why less therapeutically redundant plant species are not necessarily facing greater use pressure. **People and Nature**, v. 3, n. 3, p. 770-781, 2021.

Crepaldi, C. G. *et al.* Richness and ethnobotany of the family Euphorbiaceae in a tropical semiarid landscape of Northeastern Brazil. **South African Journal of Botany**, v. 102, p. 157-165, 2016.

Dantas, J. I. M.; Silva, T. C. Qual o papel das espécies exóticas na farmacopeia local? Estudo de caso em uma comunidade rural do município de Canapi, Alagoas. **Diversitas Journal**, [S. l.], v. 5, n. 4, p. 2622–2631, 2020. doi: 10.17648/diversitas-journal-v5i4-859.

Duarte, M. R.; Zaneti, C. C. ESTUDO FARMACOBOTÂNICO DE FOLHAS DE CAPIM-LIMÃO: *Cymbopogon citratus* (DC.) STAPF, POACEAE. **Visão Acadêmica**, 5(2), 2004. doi: 10.5380/acd.v5i2.556

Durão, H.G. *et al.* Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade quilombola de Porto Alegre, Cametá, Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Naturais**, 16(2):245-258, 2021. doi: 10.46357/bcnaturais.v16i2.191.

Erny, S. M. N. *et al.* Antimicrobial activity and bioactive evaluation of *Plectranthus amboinicus* essential oil. **American Journal of Research Communication**, v. 2 (12), 2016.

Fernandes, J. S. N.; Moser, L. Comunidades tradicionais: a formação socio-histórica na Amazônia e o (não) lugar das comunidades ribeirinhas. **Revista Katálysis, [S.L.]**, v. 24, n. 3, p. 532-541, dez. 2021. doi: 10.1590/1982-0259.2021.e79717

Figueiredo, P. H. A. *et al.* PLANTAS MEDICINAIS EMPREGADAS EM FEIRAS LIVRES DE MISSÃO VELHA – CEARÁ. **Revista de Extensão da Universidade Regional do Cariri – URCA**, v. 3, n.1, p. 536-548, 2024.

IBGE. Área Territorial Brasileira 2020. Rio de Janeiro: 2021.

IDEMA - INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE. Unidades de Conservação da Natureza Estaduais do RN. IDEMA/SECOM. 2023. Disponível em: <<http://www.idema.rn.gov.br/Conteudo.asp?TRAN=ITEM&TARG=334&ACT=&PAGE=&PARM=&LBL=MAT%C9RIA>>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

IDEMA - INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E MEIO AMBIENTE DO RIO GRANDE DO NORTE. Plano de Manejo APAPU. Natal, 2013.

Machado, S. T. S. *et al.* Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de Caatinga, no município de Crato (Ceará, Brasil). **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, v. 18, p. e1216, 2024. doi: 10.32712/2446-4775.2024.1216

Maroyi, A. Plant species from the Euphorbiaceae (spurge) family used for medicinal purposes in Zimbabwe: A review. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, v. 23, n. 2, p. 160-179, 2024.

Maroyi, A. Medicinal uses of the Fabaceae family in Zimbabwe: A review. **Plants**, v. 12, n. 6, p. 1255, 2023.

Martinez, L. N. *et al.* Avaliação etnobotânica das espécies das famílias Asteraceae e Lamiaceae utilizadas com potencial medicinal na região de Porto Velho–Rondônia. **Interfaces Científicas-Saúde e Ambiente**, v. 8, n. 2, p. 431-445, 2020.

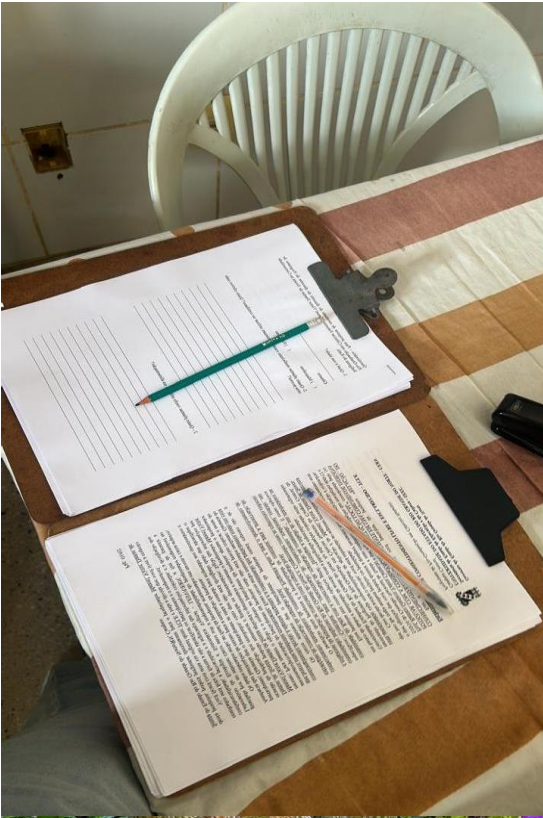
Morim, M.P.; Iganci, J.R.V.; Guerra, E. Abarema in Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB17974>>. Acesso em: 20 nov. 2024

- Negrelle, R.R.B.; Gomes, E.C. *Cymbopogon citratus* (Dc) Stapf: Chemical Composition and Biological Activities. **Revolution of Brazilian Plant Medical**, BotuKatu, v 9, 80-92, 2007.
- Nunes, G. M. *et al.*. Comparação de métodos quantitativos etnobotânicos no estudo de plantas medicinais no semiárido da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, [S.L.], v. 9, n. 21, p. 37-57, 2021. doi: [10.21438/rbgas\(2022\)092103](https://doi.org/10.21438/rbgas(2022)092103)
- Oladeji, O. S. *et al.* Phytochemistry and pharmacological activities of *Cymbopogon citratus*: A review. **Scientific African**, [s.l.], v. 6, p. 1-11, 2019. doi: 10.1016/j.sciaf.2019.e00202
- Oliveira, J. S. *et al.* Abarema cochliacarpos extract decreases the inflammatory process and skeletal muscle injury induced by Bothrops leucurus venom. **BioMed Research International**, v. 2014, 2014. doi: 10.1155/2014/720871.
- Oliveira, P. C.; Carvalho, C. J. R. Interações biofísicas em espécies arbóreas potencialmente acumuladoras de fósforo: diversidade de irradiância e de comportamento hídrico. **Acta Amazonica**, v. 38, p. 445-452, 2009.
- Pasa, M. C. Medicina Tradicional em comunidades mato-grossenses. **Biodiversidade**, v. 19, n. 2, 2020.
- Pasa, M. C.; Ávila, G. Ribeirinhos e recursos vegetais: a etnobotânica em Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil. **Interações (Campo Grande)**, v. 11, p. 195-204, 2010.
- Rattray, R. D.; Van Wyk, B. E. The botanical, chemical and ethnobotanical diversity of southern African Lamiaceae. **Molecules**, v. 26, n. 12, p. 3712, 2021.
- Redouan, F. Z. Z. *et al.* Application of ethnobotanical indices for ethnopharmacology and ethnobotany of the family Lamiaceae used by population in National Talassemrane Park (North of Morocco). **Ethnobotany Research and Applications**, v. 25, p. 1-40, 2023.
- Reis, V. H. O. T. *et al.* Biotechnological potential of *Hancornia speciosa* whole tree: A narrative review from composition to health applicability. **Heliyon**, v. 8, n. 10, p. e11018, 2022. doi: 10.1016/j.heliyon.2022.e11018.
- Reis, P. C. M. *et al.* Agrupamento de espécies madeireiras da Amazônia com base em propriedades físicas e mecânicas. **Ciência Florestal**, v. 29, n. 1, p. 336-346, 2019. doi: 10.5902/1980509828114
- Ribeiro, D. S. A. **Impacto da redução de cobertura florestal sobre a remoção de frutos zoocóricos de duas espécies de Melastomataceae em área de Mata Atlântica no Sul da Bahia**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Santa Cruz, 2013.

- Rocha, J. A.; Boscolo, O. H.; Fernandes, L. R. R. M. V.. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. **Interações (Campo Grande)**, v. 16, n. 1, p. 67-74, 2015. doi: 10.1590/151870122015105.
- Rodal, M. J. N. *et al.* **Manual sobre métodos de estudo florístico e fitossociológico - Ecosistema Caatinga**. Sociedade Brasileira de Botânica, Brasília, 2013, p. 28.
- Ronchi, H. S.; Coutinho, E. T.; Bonfim, F. P. G. Edible and medicinal native plants: non-timber forest products and sustainable exploitation potential. **Ciência Florestal**, v. 32, p. 1149-1164, 2022. doi: [10.5902/1980509834747](https://doi.org/10.5902/1980509834747)
- Rodrigues, G. M. *et al.* Usos e propriedades farmacológicas de *Myrcia* DC.(Myrtaceae) no Brasil: revisão sistemática. **Revista Fitos**, v. 18, p. e1505-e1505, 2024.
- Salimena, F.R.G.; Cardoso, P.H. *Lippia* alba in: **Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB15171>>. Acesso em: 25 de nov. 2024.
- Santos, M. H. B. *et al.* Plantas medicinais usadas para doenças do sistema respiratório em mercados públicos do Nordeste do Brasil. **Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, v. 7, n. 3, p. 62-76, 2022a.
- Santos, P. A. L. *et al.* Chemical profile and antimicrobial activity of abarema cochliocarpos. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 4, p. e22911427226, 2022b. DOI: 10.33448/rsd-v11i4.27226.
- Scotti, D. B. **Plantas medicinais de uma comunidade rural no município de Orleans-SC: uma abordagem etnobotânica**. Trabalho de Conclusão de Curso, UNESC, 2012.
- Silva, N. C. B. *et al.* Antinociceptive effects of Abarema cochliocarpos (B.A. Gomes) Barneby & J.W. Grimes (Mimosaceae). **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 19, n. 1A, p. 46–50, Jan./Mar. 2009.
- Silva, A. S. S.; Miller, F. S.; Vasquez, V. L. Conhecimento e uso de plantas medicinais na comunidade do Katu, Canguaretama (RN, Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. n. 21. p 148-159, 2021.
- Silva *et al.* *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P. Wilson. In: Albuquerque *et al.* **Medicinal and Aromatic Plants of South America**, Ed. Springer. P. 288-298, 2018.
- Silva Neto, M. *et al.* PLANTAS MEDICINAIS NOS QUINTAIS URBANOS DA COMUNIDADE ALTO DA CRUZ NO PITIÚ EM BATURITÉ-CE. **ENCICLOPEDIA BIOSFERA**, [S. l.], v. 16, n. 29, 2019.

- Smith, N. P. et al. *Lecythis marcgraaviana* (Lecythidaceae), an overlooked species from eastern Brazil. **Kew Bulletin**, v. 71, n° 8, 2016. doi: 10.1007/S12225-016-9626-9
- Souza, M. V. D. et al. Conhecimento etnobotânico sobre o uso de plantas medicinais por residentes da agrovila Pomar em Mossoró/RN, Brasil. **Gaia Scientia**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 47–65, 2023. doi: 10.22478/ufpb.1981-1268.2023v17n2.66985.
- Souza, M. R. et al. Chronic administration of *Abarema cochliacarpus attenuates* colonic inflammation in rats. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 21, n. 4, p. 680–690, 2011. doi: 10.1590/S0102-695X2011005000122.
- Souza, R. K. D et al.. Aspectos etnobotânicos, fitoquímicos y farmacológicos de espécies de Rubiaceae en Brasil. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, v. 18, n. 1, p. 140-156, 2013.
- Sawant, S. et al. Evaluation of the Effect of *Plectranthus amboinicus* L. Leaf Extracts on the Bacterial Antioxidant System and Cell Membrane Integrity of *Pseudomonas aeruginosa* PA01 and *Staphylococcus aureus* NCTC8325. **Pathogens**, [S.l.], v. 12, p. 853, 2023. doi: 10.3390/pathogens12030853
- Tavares, E. S. et al. Analysis of the essential oil from leaves of three *Lippia alba* (Mill.) N. E. Br. (Verbenaceae) chemotypes cultivated on the same conditions. **Braz J Pharmacogn** v. 1(15), p 1–5, 2005.
- Tajidin, N. E et al. Chemical composition and citral content in lemongrass (*Cymbopogon citratus*) essential oil at three maturity stages., **African Journal of Biotechnology**, v. 11 (11), p. 2685–2693, 2012.
- Trindade, M. J. S.; Lameira, O. A.. Especies de interés de familia Euphorbiaceae en Brasil. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, v. 19, n. 4, p. 292-309, 2014.
- Vargas, O. M. et al. Reclassification of the *Bertholletia* Clade of the Brazil Nut Family (Lecythidaceae) Based on a Phylogenetic Analysis of Plastome and Target Sequence Capture Data. **Harvard Papers in Botany**, v. 29, n° 1, p. 159-180, 2024.
- Vásquez, S. P. F. et al. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta amazônica**, v. 44, p. 457-472, 2014.
- Xavier, J. M. L.; Barboza, M. L. B. M.; Albuquerque, H. N. ESTUDO ETNOBOTÂNICO DA CAMOMILA (*Matricaria chamomilla* Linn) NA PARAÍBA. **Open Minds International Journal**, v. 3(2), p. 5–14, 2022. doi: 10.47180/omij.v3i2.166.

ANEXO 1 – Registros das coletas de campo na comunidade





ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO APLICADO NA POPULAÇÃO

Questionário - Para pesquisa de mestrado do discente do discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Naturais Manoel Victor Dantas de Souza na Comunidade Indígena do Katu.

1- Qual a sua idade?

Gênero:

() Masculino

() Feminino

2- Quais plantas medicinais vocês costumam utilizar no cotidiano? Quais efeitos cada uma possui?

3 - Quais plantas vocês utilizam na alimentação?

Existe algum outro uso para as plantas em seu cotidiano na comunidade?

ANEXO 3 – REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - RCLE

Esclarecimentos Este é um convite para você participar da pesquisa “RELAÇÃO DO CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO PRESENTE EM UMA COMUNIDADE INDÍGENA POTIGUAR COM A CONSERVAÇÃO DA VEGETAÇÃO LOCAL” coordenada pelo (a) Prof. Ramiro Gustavo Valera Camacho e que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido ao seguinte procedimento: acontecerá uma entrevista utilizando-se de questionário bem estruturado que acontecerá na sua residência no período de 30 a 40 minutos de responsabilidade de aplicação é de Manoel Victor Dantas de Souza, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Naturais do Campus Central, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. As informações coletadas serão organizadas em banco de dados e analisadas de acordo com a bibliografia especializada.

Essa pesquisa tem como objetivo geral: “Investigar a relação do uso etnobotânico na comunidade do Katu com a conservação da vegetação na comunidade.”. E como objetivos específicos: Contribuir para caracterização do conhecimento tradicional contido nas comunidades indígenas do Rio Grande do Norte e Compreender como as expressões culturais e religiosas da população se conectam com a vegetação local.

O benefício desta pesquisa é a possibilidade de contribuir para a preservação do conhecimento etnobotânico da comunidade Potiguara Katu e para o desenvolvimento de estratégias de conservação da vegetação local.

Os riscos que o participante da pesquisa estará exposto são de o constrangimento devido à alguma pergunta e a contaminação dos participantes tendo em vista que houve uma pandemia recentemente. Esses riscos serão minimizados mediante: Garantia do anonimato/privacidade do participante na pesquisa, onde não será preciso colocar o nome do mesmo; Para manter o sigilo e o respeito ao participante da pesquisa, apenas o pesquisador Manoel Victor Dantas de Souza aplicará o questionário e somente o pesquisador Manoel Victor Dantas de Souza poderão manusear e guardar os questionários; Sigilo das informações por ocasião da publicação dos resultados, visto que não será divulgado dado que identifique o participante; Garantia que o participante se

sinta a vontade para responder aos questionários e Anuência das Instituições de ensino para a realização da pesquisa. Ademais também se usará álcool em gel e máscara para garantir a segurança do participante da pesquisa.

Os dados coletados serão, ao final da pesquisa, armazenados em nuvem e caixa arquivo, guardada por no mínimo cinco anos sob a responsabilidade do pesquisador responsável no Laboratório de Ecologia e Sistemática Vegetal - LESV/UERN, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes e o responsável. Garantimos aos participantes do acesso aos resultados da pesquisa" e o compromisso do pesquisador de divulgar os resultados da pesquisa em formato plenamente acessível e compreensível a população que foi pesquisada (Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 17, Inciso VI).

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para o pesquisador Manoel Victor Dantas de Souza do Estado do Rio Grande do Norte/RN, Campus Central, no endereço Av. Prof. Antônio Campos, Costa e Silva, 59610-210– Mossoró–RN. Tel.(84) 3315-2145. Dúvidas a respeito da ética desta pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UERN) – Faculdade de Medicina da UERN - Rua Miguel Antonio da Silva Neto s/n - Aeroporto Home page: <http://www.uern.br> - e-mail: cep@uern.br – CEP: 59607-360 - Mossoró –RN Tel: (84) 3312-7032. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) - Endereço: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70750 -521, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h].

O sistema CEP/CONEP refere-se a dois órgãos importantes para a regulamentação e ética na pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil. O CONEP é um órgão colegiado vinculado ao Conselho Nacional de Saúde (CNS) que tem a responsabilidade de coordenar e normatizar as atividades dos CEPs em todo o território nacional. A CONEP é responsável por orientar e acompanhar as atividades dos CEPs, promovendo a uniformização de critérios éticos e metodológicos na condução de pesquisas envolvendo seres humanos.

O CEP (Comitê de Ética em Pesquisa): São comitês responsáveis por avaliar e aprovar projetos de pesquisa que envolvam seres humanos, garantindo que estes projetos estejam em conformidade com princípios éticos e normas regulatórias. Essa autorização de ambos os órgãos além do consentimento do participante se faz necessárias para que a

pesquisa se mantenha dentro das normas ética e morais levando em consideração o respeito pela comunidade indígena.

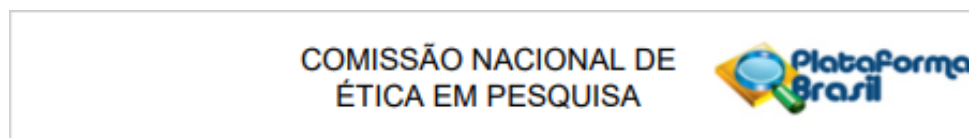
Se para o participante houver gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação nesse estudo, é garantido o direito a indenização (Res. 466/12 II.7) – cobertura material para reparar danos – e/ou ressarcimento (Res. 466/12 II.21) – compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob a responsabilidade do (a)pesquisador(a) Manoel Victor Dantas de Souza.

Não será efetuada nenhuma forma de gratificação por sua participação. Os dados coletados farão parte do nosso trabalho, podendo ser divulgados em eventos científicos e publicados em revistas nacionais ou internacionais. É garantido aos participantes acesso à esses dados. O pesquisador estará à disposição para qualquer esclarecimento durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo. Após todas essas informações, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Consentimento Livre

Desta forma, de acordo com vosso consentimento será realizada a pesquisa “RELAÇÃO DO CONHECIMENTO ETNOBOTÂNICO PRESENTE EM UMA COMUNIDADE INDÍGENA POTIGUAR COM A CONSERVAÇÃO DA VEGETAÇÃO LOCAL”. Tendo em vista, para os devidos fins, que foram prestados os devidos esclarecimento quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido (a) e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. É garantido pelo pesquisador esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que a desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a família. Autorizo assim, a publicação dos dados da pesquisa, a qual me garante o anonimato e o sigilo dos dados referentes à minha identificação.

ANEXO 4 – APROVAÇÃO DO CONEP



Continuação do Parecer: 6.881.162

Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	Carta_de_Inicio_da_pesquisa_assinado.pdf	24/02/2024 18:37:04	Manoel Victor Dantas de Souza	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	FUNAI.pdf	22/01/2024 14:21:17	Manoel Victor Dantas de Souza	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	22/01/2024 14:12:38	Manoel Victor Dantas de Souza	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

BRASILIA, 18 de Junho de 2024

Assinado por:
Lais Alves de Souza Bonilha
(Coordenador(a))

ANEXO 5 – APROVAÇÃO DO IDEMA



Autorização nº 17/2023/IDEMA - NUCPESQ/IDEMA - NUC/IDEMA - DT/IDEMA - DG
Ao(À) Sr(a). Manoel Victor Dantas de Souza

Assunto: **Pesquisa Científica na Área de Proteção Ambiental da Piquiri-Uma-APAPU**

O Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte por meio do Núcleo de Gestão de Unidades de Conservação (NUC), no âmbito de sua área de competência e considerado:

A Lei Complementar Estadual nº 272 de 03 de março de 2004 que institui o Sistema Estadual de Unidade de Conservação - SEUC;

A relevante contribuição que a pesquisa científica presta à administração e manejo de unidades de conservação, propiciando o uso do conhecimento na análise de problemas e na tomada de decisão.

AUTORIZA a pesquisa em Unidade de Conservação de Uso Sustentável OU Proteção Integral, a saber:

1. UNIDADE DE CONSERVAÇÃO CONTEMPLADA

Área de Proteção Ambiental da Piquiri-Uma-APAPU.